



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Armando García González

Relatório de Atividade Profissional
Descrição e reflexão sobre um percurso
profissional



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Armando García González

Relatório de Atividade Profissional
Descrição e reflexão sobre um percurso
profissional

Relatório de Atividade Profissional
Mestrado em Ensino da Música

Trabalho realizado sob orientação do
Professor Doutor Ricardo Barceló

janeiro de 2015

Declaração

Nome: Armando García González

Endereço eletrónico: armando.garcia.g@hotmail.com

Telefone: 933257624

Número do Cartão de Cidadão: 15626963

Título do Relatório: Descrição e reflexão sobre um percurso profissional

Supervisor: Professor Doutor Ricardo Barceló

Ano de conclusão: 2015

Designação do Mestrado: Mestrado em Ensino da Música

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Gostaria de começar com especiais agradecimentos ao Professor Doutor Ricardo Barceló, o qual me forneceu uma preciosa ajuda e os conselhos indispensáveis para a correta elaboração deste relatório.

Em segundo lugar, agradeço imenso à minha família, pois esteve sempre presente e me amparou constantemente com a sua opinião, críticas construtivas e positivismo.

Por fim, mostro extrema gratidão às pessoas fora do núcleo familiar que me auxiliaram das mais diversas formas neste processo.

Resumo

Este relatório foi elaborado no âmbito da obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Música e tem como principal objetivo descrever aquilo que tem sido o meu percurso profissional enquanto professor de música, especificamente de Violino. O mesmo pretende, igualmente, explicar e refletir o trabalho realizado em todos estes anos, tanto em Cuba, país onde me formei e iniciei a minha atividade profissional, como em Portugal, país onde desenvolvo a mesma há cerca de vinte anos.

O relatório inicia-se com uma descrição da minha formação e do meu desenvolvimento profissional onde se incluem, por exemplo, as disciplinas que tenho lecionado ao longo dos anos. Seguidamente, foco-me na caracterização das escolas de música onde lecionei, bem como numa comparação entre o ensino da música em Cuba e em Portugal. A continuação, descrevo mais pormenorizadamente as minhas experiências profissionais e exponho a minha visão pedagógica relativamente a variados aspetos. Para finalizar, faço um balanço das diversas competências que são desejáveis num profissional do ensino.

Abstract

This report was developed in the context of obtaining a Master's Degree in Music Education and its main objective is describing my professional trajectory as a music teacher, specifically as a violin teacher. This report intends, as well, to explain and reflect about the work done in all this years, both in Cuba, where I studied and started my career, and Portugal, where I have been developing it for approximately twenty years.

The report begins with a description of my education and my professional development, where it's included, for example, the subjects I have taught through the years. Secondly, I focus on the characterization of the music schools where I have worked, as well as on the comparison between the music education in Cuba and Portugal. In continuation, I describe my professional experiences, where I cover, among other subjects related with this issue, the classes' typology and my pedagogic vision taking into consideration diverse aspects. To sum up, I make a reflection on the different skills that are desirable in a teacher.

Índice

AGRADECIMENTOS.....	V
RESUMO	VII
ABSTRACT	IX
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I- FORMAÇÃO	15
1- FORMAÇÃO ACADÉMICA.....	15
2- OUTRAS FORMAÇÕES COMPLEMENTARES	16
3- PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS EDUCACIONAIS	18
CAPÍTULO II – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL	21
1- O CAMINHO ATÉ A DOCÊNCIA	21
1.1- Disciplinas lecionadas	22
2- ATIVIDADES NÃO DOCENTES.....	23
2.1- Participação em estruturas de orientação educativa	23
2.2- Coordenador de área disciplinar.....	24
2.3- Diretor de Turma.....	26
CAPÍTULO III – CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS DE MÚSICA	29
1- ESCOLAS DE MÚSICA ONDE LECIONEI E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	29
1.1- Conservatório “Esteban Salas” (Santiago de Cuba, Cuba).....	29
1.2- Escola Vocacional de Arte (Santiago de Cuba, Cuba)	30
1.3- Escola Profissional de Música (Viana do Castelo, Portugal)	30
1.4- Academia de Música (Viana do Castelo, Portugal)	31
2- BREVE COMPARAÇÃO ENTRE AS ESCOLAS DE MÚSICA DE CUBA E DE PORTUGAL.....	32
2.1- O ensino de música em Cuba.....	32
2.2- O ensino de música em Portugal	35
2.3- Reflexão sobre as suas semelhanças e diferenças.....	37
3- O MEU PERCURSO NO ENSINO ESPECIALIZADO DA MÚSICA EM PORTUGAL.....	39
3.1- Cursos oficiais.....	39
3.1.1- Curso Básico e Complementar de Música.....	39
3.1.2- Cursos Profissionais de Música	43
3.2- Cursos Não Oficiais.....	46
3.2.1- Curso de Iniciação Musical	46
3.2.2- Curso Livre	47

4- O ENSINO INSTRUMENTAL INDIVIDUAL E EM GRUPO.....	48
4.1- Aulas individuais.....	48
4.2- Aulas em grupo	49
CAPÍTULO IV- EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL	51
1- CONSERVATÓRIO “ESTEBAN SALAS” (SANTIAGO DE CUBA, CUBA)	51
2- ESCOLA VOCACIONAL DE ARTE (SANTIAGO DE CUBA, CUBA).....	51
3- ESCOLA PROFISSIONAL DE MÚSICA (VIANA DO CASTELO, PORTUGAL)	52
4- ACADEMIA DE MÚSICA (VIANA DO CASTELO, PORTUGAL)	53
CAPÍTULO V – PERSPETIVA PEDAGÓGICA	55
1- O PROFESSOR.....	55
2- O PROFESSOR DE VIOLINO E AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO/APRENDIZAGEM	56
2.1- Caracterização dos diferentes tipos de alunos	58
2.2- O trabalho individual do aluno	61
2.3- A preparação das obras musicais.....	62
2.4- A leitura a primeira vista	63
2.5- O trabalho com o piano	64
2.6- A preparação para a apresentação pública	65
2.7- O envolvimento dos Encarregados de Educação.....	67
3- CAPACIDADES MENTAIS E MUSICAIS	68
3.1- A atenção	69
3.2- A memória.....	71
3.3- O ouvido musical e a sua importância para o violinista	72
4- RECURSOS PEDAGÓGICOS.....	74
4.1- A pesquisa	74
4.2- A reflexão	75
4.3- Recursos didáticos e utilização de novas tecnologias	76
5- AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS.....	76
6- AQUISIÇÃO DE COMPETÊNCIAS EM DIFERENTES ÂMBITOS.....	78
CONCLUSÃO	81
BIBLIOGRAFIA	83
ANEXOS.....	87

Introdução

Ser professor é uma profissão complexa e essencial para a humanidade. Complexa pois um professor, além dos conhecimentos técnicos que possui, tem de saber transmiti-los de forma a ser bem-sucedido, ajustando-se ao momento histórico e às condições socioculturais e económicas em que realiza o seu trabalho docente; e essencial, pois, para além de consolidar-se como elemento fulcral na educação de milhares de crianças, jovens e mesmo adultos, cabe também a ele passar o conhecimento à geração seguinte, sem o qual o mundo não poderia avançar.

Como pode ler-se no livro *“O Professor aprendiz – criar o futuro”* (1995), “os professores (...) estão no centro da comunidade aprendiz e no centro do processo de criação do futuro” (p.26). Assim, para honrar esta responsabilidade, um bom professor deve facilitar e integrar as aprendizagens; incentivar e motivar os seus alunos; estar em constante atualização; ensinar e aprender ao mesmo tempo; procurar ser sempre melhor do que no dia anterior e focar-se, essencialmente, naquilo que é mais importante: transmitir o conhecimento com sucesso. Tudo isto requer que haja paixão e comprometimento com aquilo que se faz e que essa paixão e comprometimento se mantenham e renovem a cada dia.

Zehm e Kottler (apud Day, 2006) referem que “os professores que se comprometem apaixonadamente são aqueles que amam de forma absoluta o que fazem, procurando constantemente formas mais eficazes (...) de dominar o conteúdo e os métodos da sua profissão. Sentem que têm uma missão pessoal a cumprir” (p.107). Eu próprio cheguei a algumas destas conclusões, não de um dia para outro, obviamente, mas sim no decorrer de todos estes anos de trabalho e através das variadas experiências que tive oportunidade de vivenciar.

Para finalizar, não posso deixar de fazer referência ao processo reflexivo que a elaboração deste relatório comporta e que servirá como mais um instrumento para a minha constante aprendizagem. “Os bons professores observam constantemente o que fazem, refletindo sobre isso...examinando as suas fraquezas e reconhecendo os seus pontos fortes. (...) a reflexividade é comprometimento e o comprometimento é reflexividade” (Day, 2006, p.108).

CAPÍTULO I- FORMAÇÃO

1- Formação acadêmica

A minha formação acadêmica iniciou-se em 1973, aos 7 anos de idade, quando ingressei no Conservatório de Música “Esteban Salas”, na cidade de Santiago de Cuba, Cuba (país e cidade da qual sou natural), na especialidade de Violino. Os meus primeiros anos de estudo neste instrumento foram realizados com o professor Alcibíades Castillo, pessoa que incentivou e despertou em mim, juntamente com os meus pais, um grande amor pelo instrumento.

Neste conservatório, para além das aulas de violino, recebi um conjunto de disciplinas complementares como Solfejo, Formação Musical, Instrumento de Tecla (Piano), Prática Orquestral e Prática Vocal, as quais foram importantíssimas para assentar as bases do meu posterior percurso musical. Já desde essa altura tive um contato direto com diversas atividades quer como ouvinte, quer como participante ativo em audições, concursos, concertos didáticos, *master-classes* e festivais de música. Entre os prémios que obtive nesta fase de estudos destaco o 1º Prémio Provincial em violino no Concurso Nacional “Amadeo Roldán” e o 2º Prémio no Concurso Provincial “Alejandro García Caturla”.

Em 1980 concluí satisfatoriamente o Nível Elementar (correspondente ao Curso Básico) candidatando-me, de seguida, ao curso de Nível Médio (Curso Secundário) na *Escola Nacional de Arte* (ENA), na cidade de Havana. Tendo aprovado o exame de “Passe de Nível” (exame que todos os alunos que queiram prosseguir os seus estudos musicais devem realizar a nível nacional) fui então admitido na ENA, na classe do professor Ricardo Jústiz.

Durante os quatro anos de duração do curso tive aulas com destacados pedagogos cubanos, entre eles a professora de Solfejo Aída Teseiro, o professor de Introdução à Composição José Angel Pérez Puente, o professor de Harmonia e Análise Musical Carlos Santoi e o prestigiado professor de Metodologia de Ensino dos Instrumentos de Arco Oscar Carreras. Enquanto membro da Orquestra Sinfónica da ENA trabalhei sob a orientação dos maestros Jorge López Marín, José Antonio Bornot e María Elena Mendiola.

Ao longo do curso participei ativamente num amplo número de atividades, entre elas o *Festival de Música Contemporânea* (Havana, 1982) e o *Festival Nacional de Música de Câmara* (Camaguey, 1983).

Em 1984 participei com a orquestra da escola num evento chamado “Concerto Santiago”, em homenagem à Cidade de Santiago de Cuba, entre muitos outros. Também no ano de 1984 concluí os estudos de Nível Médio, obtendo o “Título de Instrumentista – Professor de Violino.” Em 1985 ingressei no *Instituto Superior de Arte* (ISA), instituição máxima em Cuba para cursar os estudos superiores e, paralelamente, iniciei funções docentes na *Escola Vocacional de Arte* (EVA) de Santiago de Cuba, no Nível Elementar.

Ao longo dos cinco anos do curso superior tive como professores de violino o professor russo Aral Basakalov e o professor cubano Roberto Valdés (licenciado no Conservatório “Tchaikovsky” de Moscovo). Com ambos professores desenvolvi um intenso trabalho, adquirindo uma grande experiência como instrumentista, além de ter ampliado os meus horizontes no âmbito pedagógico. Paralelamente, outros professores influenciaram de maneira muito positiva o meu percurso académico, alguns deles foram a violista Viera Borisova (também professora de Metodologia do Ensino do Violino), a professora de História da Música Nola Shaig e o professor búlgaro Radovet Boyadiev, de Música de Câmara.

No ano 1991 concluí os estudos superiores, obtendo o grau de “Licenciado em Música - Especialização em Violino”, com a máxima classificação.

2- Outras formações complementares

Durante o meu percurso académico e profissional desenvolvi diversas atividades complementares, tanto formativas como performativas, as quais no seu conjunto têm feito de mim um profissional mais completo. Entre elas posso mencionar as seguintes:

Ano	Atividade
1977	Participei no Concurso Nacional “Amadeo Roldán”, obtendo o 1º Prémio Provincial e uma Menção Honrosa a nível nacional.
1979	Participei no Concurso Nacional “Alejandro García Caturla”, obtendo o 2º Prémio.
1982	Participei no Concurso Nacional “Amadeo Roldán”, ganhando uma Menção Honrosa. Participei no Festival de Música de Câmara da Havana.
1983	Participei no Festival de Música de Câmara de Camaguey (Cuba). Participei na Eliminatória para o Concurso Internacional “Lublin”, na Polónia.
1984	Participei em aulas magistrais do violinista russo Igor Oistrakh. Participei no Festival de Música Eletroacústica de Havana.
1986	Participei em aulas magistrais do violoncelista russo Daniel Shafrán e da violetista russa Viera Borisova.
1990	Participei no Curso de Pós-graduação de Música de Câmara com o professor búlgaro Radovet Boyadiev.
1991	Integrei a Orquestra Sinfónica de Oriente e recebi aulas de Direção de Orquestra com o maestro Miguel del Castillo Clavel (Diretor da Orquestra Sinfónica de Oriente de Santiago de Cuba, licenciado no Conservatório “Tchaikovsky” de Moscovo).
1993	Ocupei o lugar de Chefe de Naipes dos segundos violinos na Orquestra Sinfónica de Oriente (Santiago de Cuba).
1994	Integrei a Orquestra de Câmara de Santiago de Cuba, sendo fundador da mesma, e organizei e dirigi a Orquestra de Câmara de Crianças da Escola Vocacional de Arte de Santiago de Cuba (Cuba).
1996	A partir deste ano passei a residir em Portugal, país onde continuei a desenvolver a minha formação, conjuntamente com a vida laboral.
2003	Participei na conferência e ação de formação: “Experiências de Audição na Formação Musical”, orientada pela Dra. Inês Soares.

2004	Particpei num <i>Master-Class</i> de Música de Câmara, orientado pela professora Olga Prats.
2006	Particpei na ação de formação: “Aprendizagem de Música. Problemática atual do Ensino Especializado”, orientado pelo professor Francisco Cardoso. Particpei no Curso de Direção de Orquestra, orientado pelo maestro Ernst Schelle. Particpei no <i>Workshop</i> de Técnica Alexander, orientado por Donald Kirkley. Particpei no Curso de Interpretação de Música do Século XVIII, orientado por Richard Gwilt.
2008	Particpei na ação de formação: “Trabalho em grupo ao serviço do instrumento”, orientado pela professora Joana Seybert Jesus.
2009	Formação de Microsoft Excel, orientada por Paulo Jorge.
2010	Particpei na formação em Microsoft Excel e Word, orientada pelo professor Aristides Sousa.
2011	Particpei no <i>Workshop</i> de Direção de Orquestra, orientado pelo maestro Javier Viceiro.
2013	Particpei no <i>Workshop</i> de Direção de Orquestra, orientado pelo maestro Javier Viceiro.
2014	Particpei no <i>Workshop</i> de Direção de Orquestra, orientado pelo maestro Luís Carvalhoso.

3- Participação em projetos educacionais

Em Cuba, durante os anos que lecionei na *Escola Vocacional de Arte* de Santiago de Cuba, fundei e organizei a orquestra de cordas dos alunos do Nível Elementar (alunos com idades compreendidas entre os 7 e os 14 anos de idade). Com este grupo desenvolvi alguns projetos, entre eles vários concertos de música tradicional cubana dos destacados compositores Ignacio Cervantes e Manuel Saumel; concertos de repertório erudito, concertos didático-pedagógicos

apresentados em diferentes escolas de ensino regular da província, bem como em locais públicos e festivais de música de câmara e de música contemporânea.

Nesta mesma escola organizei vários concursos internos de violino, os quais se desenvolviam anualmente com o intuito de motivar os alunos para o estudo e a competição saudável, assim como prepará-los para a participação em concursos a nível provincial e nacional.

Já em Portugal, desde o ano de 1996 até à data tenho desenvolvido alguns projetos educacionais, entre eles:

- Organização de um *Master-Class* orientado pelo prestigiado professor e violinista cubano Evelio Tieleles, na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo (Julho, 2007). Esta atividade foi desenvolvida com o propósito de aperfeiçoar o trabalho técnico musical dos alunos, aumentar a sua motivação, valorizar o seu trabalho e compartilhar experiências.
- Realização, ao longo dos anos, de inúmeros Concertos Didáticos com as Práticas de Conjunto de Cordas da Escola Profissional de Música de Viana do Castelo, desempenhando a função de maestro.
- Participação na Orquestra de Professores do Departamento de Cordas da Academia de Música de Viana do Castelo, realizando Concertos para a comunidade escolar e acompanhamento de alunos solistas.
- Participação na organização de Concertos para as famílias, os quais desenvolvem-se na forma de concertos comentados, com a colaboração de atores e escritores.
- Organização de Concursos Internos.
- Colaboração na organização de um *Workshop* de Manutenção dos Instrumentos de Cordas (Abril, 2013).

CAPÍTULO II – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

1- O caminho até a docência

No meu ambiente familiar sempre existiu uma estreita relação com a música e outras formas de arte. A minha mãe tocava piano e os meus avôs maternos eram grandes apreciadores de música erudita. Desde pequeno recordo-me de ir assistir aos concertos da Orquestra Sinfónica da cidade de Santiago de Cuba, recitais de solistas e outros espetáculos.

Quando tinha seis anos de idade, uma amiga da família com conhecimentos musicais apercebeu-se do meu bom ouvido musical e ofereceu-me o meu primeiro violino. A partir desse momento fiquei muito impressionado com o instrumento e, devido à minha insistência, quando completei os sete anos de idade os meus pais matricularam-me no Conservatório de Música da minha cidade natal.

No meu trajeto como estudante estive sempre rodeado de magníficos e competentes educadores, os quais ajudaram a desenvolver em mim uma grande paixão pelo violino. Não é por acaso que Descalzo (apud Zagalo) refere que “todos devemos uma elevada percentagem de nós próprios aos seres mais ou menos importantes, mais ou menos ilustres, e mais ou menos influentes que alimentaram o nosso ser” (p.62). Sem dúvida, todas estas pessoas e, especialmente o meu primeiro professor de violino, Alcibíades del Castillo, tiveram um papel preponderante no aumento do meu amor pelo instrumento.

Aos quinze anos de idade terminei o Nível Elementar de música. Nessa altura tinha a possibilidade de mudar para o ensino regular, no entanto, como o meu gosto pelo violino se manteve intacto durante todos esses anos e como consegui obter boas classificações e prémios em concursos, decidi candidatar-me ao Nível Médio através da realização do exame exigido a nível nacional para efeitos de prossecução de estudos. Assim, continuei os meus estudos musicais até os dezanove anos, completando este nível e aprofundando a técnica do meu instrumento. Outras disciplinas que contribuíram para a minha formação foram a Metodologia do Ensino dos Instrumentos de Arco, Análise Musical, História da Música, História da Música Cubana, Teoria da Música, Solfejo, Música de Câmara,

Contraponto, Morfologia, Prática de Orquestra, Pedagogia e Harmonia, além de outras disciplinas de âmbito geral, mas igualmente importantes, como Literatura, Inglês e Espanhol.

Acabado o Nível Médio realizei a prova de acesso ao Ensino Superior. Nesta etapa continuei a desenvolver os meus conhecimentos através do aprofundamento de algumas das disciplinas já anteriormente descritas e de outras novas tais como História dos Instrumentos de Arco, Polifonia, Cultura Cubana e Psicologia.

Numa próxima etapa comecei a trabalhar como instrumentista na Orquestra Sinfónica de Oriente, em Santiago de Cuba, e como professor no Nível Elementar na *Escola Vocacional de Arte* da mesma cidade, como já fiz referência anteriormente. É de destacar que na altura poderia ter escolhido trabalhar apenas como instrumentista, porém senti que a minha vocação estava também direcionada para a docência.

Nunca me arrependi da decisão de ser professor pois considero que isso fez-me crescer enquanto profissional da música e ser-humano. Como apontam Price Waterhouse Coopers e Jackson (apud Day, 2006, p.82) “o ensino é uma profissão intensa que requer quantidades de energia física, intelectual e emocional”, porém não posso negar que tem uma compensação inigualável: o orgulho de presenciar o fruto de horas e horas de trabalho e o sucesso dos alunos tanto a nível intelectual, como profissional e pessoal.

1.1- Disciplinas lecionadas

Sendo a música uma linguagem tão universal, as disciplinas que lecionei em Cuba e em Portugal foram praticamente as mesmas. A minha atividade tem-se desenvolvido maioritariamente no âmbito de disciplinas práticas, no entanto já tive a experiência de lecionar disciplinas teóricas como é o caso da disciplina Metodologia do Ensino dos Instrumentos de Arco, durante o tempo que exerci em Cuba.

Posto isto, as disciplinas em comum que lecionei em ambos países ao longo de todos estes anos são as seguintes:

- Instrumento - Violino.

-Consiste no trabalho individual com o aluno ou em pares.

- Naípe (naípe de cordas, naípe de primeiros violinos e naípe de segundos violinos).

-Consiste na preparação das obras; aperfeiçoamento de passagens; trabalho da afinação, sonoridade e articulação; habituação dos alunos a tocar em conjunto; desenvolver o espírito de equipa; entre outras.

- Prática de Conjunto de Cordas.

-Tem como objetivo a habituação dos alunos a tocar em conjunto e a ouvir os diferentes naípes; desenvolver a leitura a primeira vista; interpretar as indicações constantes nas partituras e as dadas pelo maestro; promover o espírito de grupo; etcétera.

2- Atividades não docentes

2.1- Participação em estruturas de orientação educativa

No desempenho da minha função docente tenho vindo a participar nas diferentes atividades programadas dentro e fora da escola, tais como: Momentos Musicais, Audições, Concertos, *Workshops*, *Master-Classes*, Concursos, Formações, reuniões, entre outras.

Tanto na Academia como na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo tenho participado como júri nas provas de acesso ao Curso Básico e Secundário de Instrumento; seleção de novos alunos e elaboração de programas do Departamento de Cordas, júri de Frequências e de Recitais. No Ensino Profissional, por vários anos tenho sido orientador da vertente prática das Provas de Aptidão Profissional (PAP) de alunos do Curso Básico e do Curso de Instrumentista.

2.2- Coordenador de área disciplinar

Entre 2003 e 2008 desempenhei o cargo de Diretor de Curso de Cordas na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo e Coordenador do Departamento de Cordas na Academia de Música da mesma cidade.

Em ambas funções contribuí para melhorar o desempenho do pessoal docente, promovendo o intercâmbio de experiências e o trabalho colaborativo, revertendo numa melhor integração dos vários elementos e promovendo melhores resultados no departamento. De igual modo, ajudei na elaboração e adoção de medidas com a finalidade de melhorar as aprendizagens dos alunos, entre elas as atividades de reflexão, de investigação, troca de ideias, elaboração de programas, entre muitas outras.

Enquanto Diretor de Curso de Cordas procurei sempre, e especialmente durante as reuniões de Departamento, ter em consideração as opiniões, preocupações e propostas dos professores, valorizar as experiências positivas expostas por alguns colegas e que poderiam contribuir para um melhor desempenho das práticas docente, sendo porta-voz dos mesmos no Conselho Pedagógico. Com esta postura consegui um grande envolvimento de todos no trabalho pois só assim se desenvolve a criatividade e o espírito de colaboração dirigido a um fim comum. Como aponta Day (2006), “os professores (...) não trabalham isoladamente. Eles fazem parte de uma rede de relacionamentos sociais e interpessoais que constroem a cultura da escola e do departamento e que irá, inevitavelmente, afetar o seu trabalho e a sua vida” (p.196).

Também, entre outras tarefas, encarreguei-me da organização, avaliação, discussão e supervisão dos documentos do Departamento de Cordas, a referir: programas de estudo, partituras, matrizes de exames do quinto e oitavo grau, critérios a seguir nas avaliações, entre outros. Ocupei-me da revisão dos instrumentos de cordas disponíveis, verificando o desgaste dos mesmos e procedendo ao envio, para reparação, nos casos que se revelaram necessários, exemplo: colar tampas, fazer cavaletes, colocar cordas, etcétera.

No desempenho das minhas funções sempre tive em conta uma correta adequação dos conteúdos e objetivos à realidade das escolas em questão. Em sentido geral considero que exerci estes cargos com muito profissionalismo, aportando os meus conhecimentos e experiências, ao mesmo tempo que

desenvolvia as minhas capacidades de liderança, interação com os órgãos de Direção, relacionamento entre colegas, conhecimento mais profundo da legislação e de todo o processo por detrás do mero desempenho como docente. É pertinente sublinhar que para desempenhar as funções de Diretor de Curso e de Coordenador do Departamento de Cordas, orientei-me pelo Decreto Regulamentar nº 10/99, de 21 de Julho, no qual estabelece como funções:

- a) Promover a troca de experiências e a cooperação entre todos os docentes que integram o conselho de docentes ou o departamento curricular;
- b) Assegurar a coordenação das orientações curriculares e dos programas de estudo, promovendo a adequação dos seus objetivos e conteúdos à situação concreta da escola ou do agrupamento de escolas;
- c) Promover a articulação com outras estruturas ou serviços da escola ou do agrupamento de escolas, com vista ao desenvolvimento de estratégias de diferenciação pedagógica;
- d) Propor ao conselho pedagógico o desenvolvimento de componentes curriculares locais e a adoção de medidas destinadas a melhorar as aprendizagens dos alunos;
- e) Cooperar na elaboração, desenvolvimento e avaliação dos instrumentos de autonomia da escola ou do agrupamento de escolas;
- f) Promover a realização de atividades de investigação, reflexão e de estudo, visando a melhoria da qualidade das práticas educativas;
- g) Apresentar à direção executiva um relatório crítico, anual, do trabalho desenvolvido.

2.3- Diretor de Turma

Desde o ano letivo 2012/2013 exerço o cargo de Diretor de Turma na Academia de Música de Viana do Castelo. No desempenho das minhas funções neste âmbito procuro dar cumprimento às diretrizes que a instituição considera serem da competência do profissional que executa esta função. Entre as várias funções do Diretor de Turma destaco as seguintes ¹:

- a) Garantir a articulação pedagógica com as escolas do ensino regular, relativamente aos alunos em regime de ensino articulado;
- b) Promover reuniões trimestrais com os Encarregados de Educação, garantindo um acompanhamento individualizado dos alunos e fomentando a participação dos pais e encarregados de educação na concretização de ações para orientação e acompanhamento do seu educando;
- c) Elaborar e conservar o processo individual do aluno facultando a sua consulta ao aluno, professores da turma, pais e encarregados de educação;
- d) Assegurar a participação dos alunos, professores, pais e encarregados de educação na aplicação de medidas educativas decorrentes da apreciação de situações de insucesso disciplinar;
- e) Diligenciar, na sequência da decisão do conselho de turma, o cumprimento das medidas de apoio educativo adequadas, em articulação com a Direção Pedagógica e proceder à respetiva avaliação;
- f) Verificar se estão garantidas as condições do estudo de instrumento, em casa, e, junto dos encarregados de educação, diligenciar nesse sentido;

¹ Informação disponível no Regulamento Interno da Academia de Música de Viana do Castelo, Art. 24º “Diretores de Turma”.

g) Preparar previamente todos os documentos necessários à realização das reuniões de conselhos de turma didático-pedagógicos intercalares ou de avaliação;

h) Presidir às reuniões de conselho de turma;

i) Verificar os documentos no final de cada avaliação trimestral;

j) Justificar as faltas dos alunos, de acordo com o estipulado na legislação do ensino básico e secundário, em vigor;

k) Coordenar, ou delegar a coordenação num professor da turma, a realização das audições trimestrais, do Curso Básico de Música, em regime articulado, com turmas dedicadas, supervisionando os programas e os espaços em que elas se realizam.

CAPÍTULO III – CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS DE MÚSICA

1- Escolas de música onde lecionei e suas características

1.1- Conservatório “Esteban Salas” (Santiago de Cuba, Cuba)

A *Escola Profissional de Música “Esteban Salas”*, mais conhecida como Conservatório “Esteban Salas”, foi fundada a 4 de Maio de 1959, em Santiago de Cuba, Cuba. Dedicada a honrar a figura do compositor cubano Esteban Salas, esta instituição surgiu, sobretudo, no intuito de estimular e melhorar o desenvolvimento musical e cultural da cidade de Santiago de Cuba. O seu primeiro diretor foi o prestigiado pedagogo, compositor e maestro Electo Silva Gainza, o qual também ocupava o cargo de “*Comisionado Provincial de Cultura*”. O seu primeiro local foi a Casa Heredia tendo, a partir 1962, passado a funcionar na Rua de Santa Lucía até aos dias de hoje.

Desde a sua fundação, este Conservatório desenvolveu uma rica atividade musical, com a organização de inúmeros eventos, concursos e festivais, entre eles o afamado Concurso “*Villancicos Esteban Salas*” e o Festival Internacional de Coros.

Esta instituição sempre fomentou a criação de agrupamentos musicais constituídos quer por estudantes, quer por alunos já licenciados. Dentro destes grupos encontram-se a Orquestra de Câmara, o Coro Feminino, o Coro Misto, o Grupo de Concerto Esteban Salas, entre muitos outros, todos eles direcionados à difusão do trabalho musical do conservatório quer na cidade de Santiago de Cuba, quer em outras províncias do país.

No conservatório realizavam-se, igualmente, diversos eventos com o objetivo de desenvolver as aptidões dos alunos, entre eles o Festival de Percussão, o Festival de Música de Câmara e o Festival de Primavera. De igual modo, a instituição sempre promoveu e patrocinou cursos de verão de percussão cubana, de música tradicional e de dança.

1.2- Escola Vocacional de Arte (Santiago de Cuba, Cuba)

As *Escolas Vocacionais de Arte* em Cuba surgiram no seguimento da reestruturação que o ensino artístico especializado sofreu após o triunfo da Revolução de 1959, liderada por Fidel Castro. Todas elas partilham características semelhantes e um objetivo em comum: a criação de um centro multidisciplinar onde convergem várias formas de arte e onde existe um estreito vínculo entre os alunos de todas as ramas artísticas.

Cada província do país é dotada de uma destas instituições, especializada em proporcionar estudos elementares de música, ballet, dança e artes plásticas. A *Escola Vocacional de Arte “José María Heredia”*, de Santiago de Cuba, tal como todas as outras, promove a educação artística das crianças e jovens da província, assim como o estímulo e superação dos seus professores. De igual modo, esta instituição encarrega-se do melhoramento das condições construtivas e o completamento da base material de estudo especializada, o aperfeiçoamento da organização escolar e dos métodos de ensino da Arte e a descentralização do ensino, em correspondência com as necessidades e possibilidades de cada território.

1.3- Escola Profissional de Música (Viana do Castelo, Portugal)

A Escola Profissional de Música de Viana do Castelo (EPMVC), criada em 1992, teve como entidades promotoras a Academia de Música de Viana do Castelo (conservatório regional) e a Câmara Municipal de Viana do Castelo, porém, desde 2002 a Fundação Átrio da Música (FAM) é a entidade proprietária.

As escolas profissionais, surgidas em finais dos anos 80 enquanto alternativa ao sistema formal de ensino, vieram incrementar e melhorar em larga escala o panorama musical português. Diferindo das escolas de música tradicionais, sobretudo em termos de modelo de organização e formação ministrada, a sua autonomia em vários campos permite-lhes funcionar segundo um modelo de ensino modular, possibilitando ajustar as aprendizagens ao ritmo de cada aluno.

Na EPMVC são ministrados, do 7º ao 12º ano de escolaridade, todos os cursos de especialização instrumental que constituem a orquestra sinfónica e a sua população escolar é de cerca de 160 jovens provenientes do Distrito de Viana do Castelo e outras regiões do Norte e Centro do país. Desde o seu ingresso os alunos recebem uma formação especializada muito profunda e rigorosa, complementada por diversas atividades relevantes como momentos musicais, recitais, *master-classes*, concursos, escola aberta, *workshops*, entre outras. De igual modo, os alunos ao longo do curso integram vários agrupamentos musicais, desde as práticas de conjunto até à orquestra sinfónica. Esta última, designada de “Arte Sinfónica”, tem realizado, ao longo dos vários anos de existência, centenas de concertos em diversas localidades de Portugal, Espanha, França, Itália e Brasil. A sua atividade tem-se centrado, sobretudo, na apresentação de obras significativas do repertório musical europeu, na divulgação do trabalho de vários compositores portugueses e na estreia mundial de diversas obras. No seio deste agrupamento os alunos da EPMVC têm podido contactar com inúmeros maestros de renome nacional e internacional.

A EPMVC assume um papel fundamental na divulgação e vivência musical do norte do país, oferecendo e possibilitando o acesso a uma cultura musical de qualidade.

1.4- Academia de Música (Viana do Castelo, Portugal)

A Academia de Música de Viana do Castelo - “Conservatório Regional do Alto Minho” - é uma instituição existente desde o ano de 1977 e integra a rede do ensino particular e cooperativo. Dotada de autonomia pedagógica para o ensino artístico especializado, a AMVC tem vindo a desenvolver, paralelamente à formação no âmbito dos cursos básico e secundário de música, uma intensa atividade de divulgação musical, através da produção de variados eventos.

De igual modo, tem sido responsável pela divulgação de projetos pioneiros, estreitamente relacionados à formação de públicos e à música contemporânea, tendo promovido mais de uma dezena de encomendas a compositores portugueses e a exposição pública das suas obras, em primeira audição mundial, com o financiamento do Ministério da Cultura – DG Artes.

No ano de 2002, a academia foi galardoada com o prémio “Instituição de Mérito”, por parte da Câmara Municipal de Viana do Castelo e, em 2010, recebeu o prestigiado prémio “Gulbenkian Educação”.

A AMVC assegura o ensino artístico da música desde a iniciação até à formação pré-profissional, proporcionando a um elevado número de alunos o acesso à prática musical especializada, com o objetivo de ampliar os projetos de vida pessoal e/ou profissional e, em consequência, o engrandecimento da região e do país no que diz respeito à música e à cultura.

2- Breve comparação entre as escolas de música de Cuba e de Portugal

A música, dada a sua universalidade, é praticada em diferentes partes do mundo partilhando traços comuns, porém, vários fatores de ordem social, histórico, cultural, político e económico têm influência na forma como esta é praticada e ensinada nas diversas sociedades.

Tendo vivenciado o meio musical e pedagógico de dois países distintos (Cuba e Portugal), foi interessante verificar que, de facto, ambos países partilham aspetos em comum e outros diferentes, condicionados, indiscutivelmente, pelos diversos fatores acima mencionados.

2.1- O ensino de música em Cuba

Em Cuba a educação artística, e o ensino musical em particular, desenvolve-se em duas esferas que procuram objetivos distintos: a educação musical massiva e a educação musical especializada. A educação massiva está relacionada com o crescimento do processo de musicalização dos habitantes do país e da instrução artística do público em geral, fornecendo-lhes os conhecimentos básicos que lhes permitam apreciar e fomentar uma opinião musical. Já a educação especializada tem como meta a formação de profissionais da música, desde o intérprete e professor até ao investigador. Esta vertente permite obter as habilidades técnico-musicais necessárias para posteriormente

desenvolver a música como futura profissão nas várias vertentes que ela oferece. Porém, para melhor entender o fenómeno da educação musical especializada cubana, torna-se importante atender aos factos históricos do país, mais precisamente à Revolução Cubana de 1959, a partir da qual se introduziram grandes mudanças. Após dita revolução, cujos ideais promulgavam, entre outras coisas, a igualdade de oportunidades entre todos os cubanos, as várias manifestações artísticas, e a música em particular, passaram a gozar de grande importância, sendo fortemente apoiada e difundida pelo governo. Apenas depois de 1959 foi possível tornar o ensino da música acessível a todas as crianças e jovens, independentemente da sua proveniência ou classe social.

No início da década de 60 foi criada a primeira grande escola artística do país - a *Escola Nacional de Arte* (ENA), na cidade de Havana. Esta instituição, como aponta Giró (1986), foi pioneira no que toca à aceitação de alunos vindos de diversas classes sociais e de todas as províncias da ilha, impulsionando desta maneira o alargamento do ensino artístico especializado. Posteriormente, foram criadas ao longo do país várias escolas artísticas especializadas, como é o caso das *Escolas Vocacionais de Arte*, já referenciadas neste relatório.

Em Cuba, o ensino artístico especializado recebeu uma forte influência da escola russa devido à parceria política e económica celebrada com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). As relações amigáveis entre ambos países propiciaram, entre outros aspetos, um grande intercâmbio entre estudantes e profissionais russos e cubanos. Assim, na década de 70, após alguns anos de experiência e com a colaboração de pedagogos soviéticos instalados em Cuba, começou a primeira reestruturação a nível nacional do ensino artístico especializado. Esta teve como objetivo primordial igualar, ao longo do país, a estrutura geral do subsistema, os programas, os planos de estudos e a rede de centros que o ministram na atualidade. É também por esta altura que se fixam os três níveis de ensino especializado da música que existem no presente: o Nível Elementar, o Nível Médio Profissional e o Nível Superior.

Desde essa altura até à atualidade o ensino especializado da música em Cuba tem gozado de uma grande difusão e apoio por parte do governo cubano. Apesar das dificuldades económicas que o país enfrenta desde a década de 90, devido ao embargo político declarado pelos Estados Unidos da América, o Estado continua a priorizar e disponibilizar recursos para o sustento deste subsistema de

ensino, além de financiar na sua totalidade todos os cursos e toda a base material de estudo. Outro fator importante é que todas instituições especializadas são estatais partilhando, a nível nacional, os mesmos programas, planos de estudos, diretrizes e exigências.

Em Cuba, o ingresso nas escolas vocacionais efetua-se mediante exigentes provas de seleção que avaliam, a vários níveis, os conhecimentos e aptidões dos indivíduos que a elas se candidatam. O Nível Elementar corresponde à primeira etapa de estudos musicais e subdivide-se em duas fases, dependendo do instrumento escolhido. Os estudos de Violino, Viola d'Arco, Violoncelo e Piano designam-se "Carreiras Longas" e têm uma duração de 7 anos (do 3º ao 9º ano de escolaridade). Os restantes instrumentos integram as chamadas "Carreiras Curtas" e a duração dos estudos é de 5 anos (do 5º ao 9º ano de escolaridade). Este nível tem como principal objetivo estimular o interesse pela especialização e perfil que sejam mais necessários para o próprio ensino e para o desenvolvimento artístico e cultural de Cuba. Concluídos os 5 ou 7 anos de duração de este nível, os alunos podem prosseguir os seus estudos musicais no Nível Médio Profissional mediante a realização, com aproveitamento, do já referido exame nacional designado "Passe de Nível".

O nível médio profissional tem uma duração 4 anos e o seu ingresso faz-se no 10º ano de escolaridade. Durante os quatro anos do curso os alunos, para além de continuarem a estimular o trabalho vocacional iniciado nas escolas de nível elementar e receberem uma formação mais direcionada a aprofundar os seus interesses vocacionais sobre o seu perfil ocupacional e as suas oportunidades de colocação dentro da área selecionada, recebem formação na área pedagógica. Este nível de estudos assume um carácter terminal pois a sua conclusão confere aos alunos habilitação quer para exercer como artistas, quer como professores no nível Elementar. De igual modo, durante o curso todos os alunos passam pela "Prática Pré-Profissional", atividade assessorada pelos professores e onde podem optar por contactar com o processo de ensino-aprendizagem no nível elementar ou então desenvolver a atividade artística no seio de algum agrupamento profissional. Findo o curso os alunos devem cumprir o "Serviço Social", que se assemelha a uma espécie de Estágio.

É de salientar que as escolas que ministram os níveis elementar e médio profissional são, na sua grande maioria, escolas que funcionam em regime

integrado, permitindo que os alunos recebam toda a formação (geral e vocacional) no mesmo estabelecimento de ensino. Muitas escolas especializadas permitem, ainda, a possibilidade de frequentar os estudos em regime interno, isto é, para os alunos cujo local de residência se encontra distanciado da escola, estas instituições dispõem de albergues onde os mesmos ficam instalados e recebem todo o apoio necessário.

Por fim, o estudante que pretenda continuar a superar-se na sua formação tem a possibilidade de aceder ao Nível Superior, candidatando-se ao *Instituto Superior de Arte*. Os estudos neste nível têm uma duração de 5 anos. De igual modo, pode ainda frequentar nesta mesma instituição estudos de Pós-Graduação se assim o entender.

2.2- O ensino de música em Portugal

Em Portugal, o Conservatório de Música de Lisboa, única escola oficial de ensino da música no país durante todo o século XIX e primórdios do século XX, foi o grande propulsor do ensino musical e da criação dos restantes conservatórios públicos e escolas vocacionais portuguesas.

Inicialmente, o ensino artístico em geral, e musical em particular, era um tipo de ensino que não estava acessível a todos e foi alvo de várias mudanças e reestruturações ao longo dos tempos, fruto dos vários governos que passaram pelo país. Com efeito, é apenas depois da Revolução de 25 de Abril de 1974, que punha fim ao regime ditatorial instaurado entretanto, que se começa a implementar um novo regime democrático e a assistir, pouco a pouco, a grandes mudanças na vida social e económica da sociedade portuguesa. Esta democracia levantou novas questões relacionadas com a educação em geral e artística em particular, passando a ser compreendida como uma maneira de enriquecer a cultura do país. De igual modo, a democracia conquistada impulsionou a igualdade de direitos e de oportunidades, permitindo um acesso generalizado à escola, bem como a consequente modernização do sistema educativo português. É também a partir deste momento que o ensino da música passa a ser encarado como essencial para a formação integral de crianças e jovens, dando-se o direito à educação artística a todos os cidadãos em idade escolar.

Em 1983, com o Decreto-Lei nº.310/83, de 1 de Julho, estrutura-se então o ensino das várias artes em Portugal e tem início uma nova reorganização do ensino especializado da música nos conservatórios públicos. Este Decreto celebra o ensino das artes no ensino Básico e Secundário e insere, pela primeira vez no sistema português, um nível de ensino Superior.

Até à publicação de dito decreto, a formação de músicos profissionais era efetuada nos conservatórios e academias e o diploma conferido pelos mesmos era considerado de nível Superior. Com a sua publicação, estabeleceu-se, portanto, a divisão entre o ensino secundário de música, a ser ministrado pelos conservatórios e academias, e o ensino superior, fornecido pelas Escolas Superiores de Música e de Educação e pelas Universidades.

Nos finais da década de 80, às já existentes escolas vocacionais juntam-se as Escolas Profissionais de Música. Estas escolas, criadas ao abrigo do Decreto-Lei n.º26/89, de 21 de Janeiro, correspondem, segundo Fernandes *et al.* (2007), a uma modalidade específica de educação escolar cuja organização curricular e pedagógica difere das restantes escolas especializadas. Autónomas a nível pedagógico, administrativo e financeiro, a formação ministrada nestas escolas permite aos alunos aceder "de modo mais profundo às disciplinas artísticas/técnicas sem perder as disciplinas de aprendizagem global" (*idem*, p.136), já que funcionam segundo o modelo de ensino integrado.

Durante os anos 90 foi publicado um outro documento legislativo, o Decreto-Lei nº. 344/90, de 2 de Novembro, o qual promove uma reestruturação inteira e global do sistema. Inicia-se então a construção de um renovado sistema articulado que antevia uma aproximação entre o ensino artístico especializado e o ensino regular.

Em 2009 dá-se uma nova mudança de paradigma, através da Portaria nº. 691/2009, de 25 de Junho, e da respetiva Declaração de retificação n.º 59/2009, de 7 de Agosto. A mesma concebe os Cursos Básicos de Dança, Música e Canto Gregoriano, além de estabelecer para o ensino artístico básico novas regras de funcionamento, aprovar os respetivos planos de estudo e introduzir, de forma pioneira, o ensino do instrumento em grupo.

Atualmente, o ensino especializado da música pode ser frequentado numa escola vocacional pública ou privada segundo diferentes modalidades de frequência/financiamento ou então numa escola profissional. Qualquer uma destas

instituições garantem uma formação especializada na área escolhida e conferem habilitação para ingressar no mundo artístico ou prosseguir estudos no ensino Superior.

2.3- Reflexão sobre as suas semelhanças e diferenças

Como já foi referi anteriormente, a música enquanto linguagem mundial, partilha indiscutivelmente traços comuns nas diferentes partes do mundo, porém, as particularidades, antecedentes culturais e o ambiente político, económico e sociocultural dos diversos países levam a que não exista um sistema uniforme para o seu ensino. Atendendo a esse aspetos, é de prever que na estrutura organizativa e pedagógica do ensino da música praticado em Cuba e Portugal existam algumas semelhanças e diferenças.

Refletindo sobre esta questão apresento, de seguida, algumas das semelhanças que encontrei ao ter vivenciado as práticas de ambos países:

- Tanto em Cuba como em Portugal o ensino artístico e musical podem ser acedidos através de duas vias: a educação artística genérica, destinada a todos os cidadãos enquanto parte integrante da sua formação geral; e a educação artística especializada, destinada aos indivíduos que pretendam enveredar numa carreira musical enquanto profissão.

- Ambos países têm três ciclos para o estudo da música. Em Cuba dividem-se em Nível Elementar, Nível Médio Profissional e Nível Superior; em Portugal os seus correspondentes são o Curso Básico, o Curso Complementar e o Curso Superior.

- As Escolas Profissionais de Música portuguesas e a maioria das escolas vocacionais cubanas funcionam num regime integrado de estudos, combinando a formação geral e a vocacional na mesma instituição.

- Ambos países oferecem a possibilidade de frequentar os cursos de música de forma gratuita. Em Cuba integralmente; em Portugal dependendo do regime de frequência escolhido.

Quanto às diferenças que pude apreciar posso destacar as seguintes:

- Em Cuba, todas as escolas de música são públicas, já em Portugal podem ser públicas ou privadas, prevalecendo as últimas.

- Em Cuba a maioria das escolas especializadas funcionam em regime integrado, ao passo que em Portugal este regime de frequência apenas é praticado num reduzido número de instituições.

- Em Cuba, uma vez que todas as escolas são estatais, as suas diretrizes são estabelecidas a nível nacional e funcionam da mesma forma em todo o país, garantindo uniformidade nas práticas. Em Portugal, por sua vez, as escolas especializadas funcionam de forma mais autónoma, não havendo por vezes equidade entre as várias instituições quanto a programas, conteúdos, critérios e/ou outros aspetos.

- Em Cuba, os alunos que concluem o nível Médio Profissional ficam habilitados para exercer quer como instrumentistas, quer professores de nível Elementar. Isto é possível porque na sua formação recebem cadeiras pedagógicas como Psicologia, Metodologia do Ensino, Pedagogia, entre outras. Já em Portugal, a formação ao nível do ensino não superior foca-se, sobretudo, no perfil de instrumentista, sendo necessário a prossecução de estudos no ensino Superior para adquirir habilitação para a docência.

- A duração dos ciclos de estudos em Cuba é maior. Passando pelos três ciclos, um aluno de Cordas ou Piano em Cuba completa 16 anos de formação e um aluno de qualquer outro instrumento 14 anos. Por seu turno, em Portugal, um aluno que tenha cursado os estudos não superiores numa escola vocacional completa 11 anos, ao passo que caso a formação tenha sido numa escola profissional completa 9 anos.

Para concluir, e partindo da minha experiência tanto num como noutra país, considero que cada um, na sua medida, apresenta aspetos mais positivos e outros menos favoráveis. Em Portugal valorizo, especialmente, a qualidade e rigor da formação ministrada nas escolas profissionais e os resultados obtidos pelos seus alunos num tão curto espaço de tempo; em Cuba destaco o facto de haver mais igualdade nas práticas a nível nacional e que a formação dos instrumentistas de cordas (já que é a minha área) seja efetuada num maior período de tempo,

permitindo que o contacto com o instrumento se inicie desde tenra idade e se desenvolva a um ritmo menos acelerado, permitindo trabalhar com maior profundidade tanto a parte técnica como a musical e abordar mais repertório.

3- O meu percurso no ensino especializado da música em Portugal

3.1- Cursos oficiais

3.1.1 - Curso Básico e Complementar de Música

O Curso Básico de Música é regulado através da Portaria 225/2012, de 30 de Julho, e a respetiva Declaração de Retificação nº 55/2012, de 28 de Setembro. Este documento determina que o ingresso no curso deve efetuar-se no 5º ano de escolaridade, cuja idade padrão são os 10 anos de idade. A sua duração é de 5 anos, correspondentes ao 2º e 3º ciclo do ensino básico, ou seja, do 5º ao 9º ano de escolaridade (1º ao 5º grau no ensino vocacional).

De forma a ser-se admitido no curso, é necessária a realização de uma prova de seleção a Formação Musical e nos vários instrumentos. Para efeitos de conclusão do curso, o aluno tem que realizar uma Prova Global, constituída por uma vertente técnica e uma artística, integrando ambas a avaliação sumativa interna. De igual modo, o aluno deverá possuir aproveitamento positivo a todas as disciplinas dentro do plano de estudos. A conclusão deste curso é certificada com habilitação equivalente ao 9º ano de escolaridade e ao Curso Básico de Música no ensino vocacional.

No que diz respeito ao Curso Complementar de Música, este inicia-se aos 15 anos de idade e tem uma duração de 3 anos, correspondentes ao 10º, 11º e 12º ano de escolaridade e ao 6º; 7º e 8º grau do ensino vocacional. A este curso acedem os alunos que tenham concluído com aproveitamento o Curso Básico. De igual modo, os candidatos deverão realizar uma prova de acesso, da responsabilidade dos estabelecimentos que ministram as componentes científica e técnica-artística destes cursos.

De forma a concluir o mesmo, o estudante deverá realizar exames a todas as disciplinas. Relativamente ao Instrumento, este será, a partir do presente ano letivo, substituído pela Prova de Aptidão Artística. Concluído o curso, o aluno fica

com uma habilitação equivalente ao 12^o ano de escolaridade e ao Curso Complementar de Música. Esta certificação permite ao aluno tanto a sua inclusão na vida artística, como a progressão de estudo ao nível do ensino superior.

Os cursos básico e complementar de música podem ser frequentados segundo três regimes de frequência: articulado, supletivo ou integrado. No regime articulado, os cursos funcionam em articulação com as escolas de ensino regular, através da celebração de protocolos de colaboração e de uma articulação pedagógica e logística com as mesmas. Assim, os alunos frequentam duas escolas - a de ensino regular, onde recebem a formação geral; e a especializada, onde recebem a formação vocacional.

Os cursos neste regime são financiados integralmente pelo Ministério da Educação e da Ciência, sempre e quando as condições estabelecidas para tal sejam cumpridas. Em termos de plano curricular, no curso básico este contempla as disciplinas da formação geral e as da formação vocacional (Formação Musical, Classe de Conjunto e Instrumento), havendo uma redução progressiva do currículo geral e um reforço do currículo específico. No Curso Complementar, o plano de estudos integra, igualmente, as disciplinas da componente geral dos cursos secundários e as componentes científica e técnica-artística da escola de ensino especializado.

É de salientar que este regime de frequência proporcionou um aumento do número de alunos a frequentar o ensino artístico especializado, especialmente nos últimos anos, em grande parte devido ao facto de ser gratuito e haver articulação com a carga horária da escola de ensino regular. Também é notória a sua contribuição para a democratização do ensino da música em Portugal, para proporcionar aos alunos um maior desenvolvimento cognitivo através da aquisição de outros conhecimentos e competências, e para fazer chegar a cultura musical a um número mais elevado de pessoas, incluindo as mais desfavorecidas.

Quanto ao regime supletivo, os cursos não são dependentes da escola de ensino regular que o aluno frequenta. Assim sendo, o mesmo tem de estudar em duas instituições tal como no regime articulado - a escola de ensino regular, onde frequenta a totalidade do currículo geral e a escola vocacional, a qual lhe proporciona a formação especializada.

Os cursos em regime supletivo são financiados pelo Ministério da Educação e da Ciência de forma parcial. Este regime permite aos estudantes ingressar com

um desfaçamento de dois anos entre o ano de escolaridade e o ano/grau da componente vocacional, devendo o mesmo ser ultrapassado a curto prazo. No caso do curso complementar, para além desta condição, os alunos que têm financiamento apenas serão admitidos se não tiverem mais de 18 anos em 31 de Agosto do ano letivo anterior, como apontam a Portaria nº 243-B/2012, de 13 de Agosto e a respetiva Declaração de Retificação nº 58/2012, de 12 de Outubro e a Portaria nº 419-B/2012, de 20 de Dezembro. Tanto no curso básico como no complementar, é possível admitir alunos em condições distintas das anteriormente referidas, não sendo estes objeto de financiamento público.

A frequência do curso básico em regime supletivo é circunscrita à componente de formação vocacional dos planos de estudos do resto dos cursos do ensino básico de música e no curso complementar é restrita à formação científica e técnica-artística, cujas disciplinas são lecionadas na escola de ensino vocacional de música.

Os cursos neste regime possibilitam a frequência do ensino especializado da música aos alunos cuja integração nas classes normais do ensino básico ou secundário seja impossível. Porém, um dos inconvenientes dos cursos neste regime prende-se com o facto de os alunos terem que frequentar simultaneamente todas as aulas do currículo do ensino regular e todas as aulas do currículo da formação vocacional exigindo, como apontam Fernandes *et al.* (2007, p.48) "um esforço suplementar e desnecessário aos alunos quer em termos do número de horas letivas semanais, quer nas deslocações que têm que efetuar".

Finalmente, os cursos em regime integrado permitem que o aluno receba toda a formação (geral e vocacional) no mesmo estabelecimento de ensino e são totalmente financiados. Este regime de frequência apenas é praticado numa minoria de escolas vocacionais do país, embora seja considerado o regime mais adequado para uma formação verdadeiramente profissionalizante e permita "que as instituições se transformem em escolas no verdadeiro sentido da palavra e, por isso, tenham projetos educativos consistentes e exequíveis, melhorem o seu trabalho pedagógico e reduzam significativamente o absentismo, a retenção e o abandono por parte dos alunos" (*idem.*, p.22).

Ao longo da minha atividade docente no âmbito dos cursos básico e secundário foram várias as mudanças que pude vivenciar. A realidade vivida hoje pelo ensino vocacional apresenta características um pouco diferentes daquilo que

era praticado há uma década atrás. Uma das principais mudanças sentidas foi o aumento exponencial da população escolar ocorrida nos últimos anos. De igual modo, a situação política e econômica do país tem sido decisiva para a implementação de várias medidas conducentes a reajustes e novos desafios.

Não restam dúvidas que a democratização do ensino artístico especializado tem permitido que se venha desenvolvendo um gosto mais aprofundado pelas artes em geral, e musical em particular. Hoje em dia, as escolas vocacionais desempenham, a meu ver, um papel muito importante pois fornecem uma formação musical especializada a milhares de crianças e jovens do país, contribuindo não só para lhes inculcar o gosto pela música, como também para sensibilizar e envolver os seus familiares nesta rama artística. É certo que uma grande percentagem dos alunos que frequentam estas escolas não pretendem seguir uma carreira na área da música, procurando-as apenas no sentido de obter um complemento para a sua formação geral. Esta realidade, aliada à instabilidade político-econômica que afeta regularmente este subsistema de ensino, exige de nós professores uma grande capacidade de adaptação, receptividade, reflexão e adequação às exigências que nos são pedidas.

Durante a minha carreira docente tenho trabalhado com inúmeros alunos quer enquanto professor de instrumento, quer enquanto professor de classe de conjunto. Independentemente dos meus alunos pretenderem ser ou não profissionais da música, procuro despertar neles o gosto por esta arte e sensibiliza-los para a sua importância. Quando os alunos estão motivados o trabalho flui de maneira mais natural. Isso é muito perceptível sobretudo nas aulas de classe de conjunto. Nesse sentido procuro criar, sempre com rigor e exigência, um ambiente descontraído onde todos os membros do coletivo possam participar ativamente e se envolvam no trabalho que está a ser desenvolvido.

Atendendo a que as crianças e jovens desta nova geração estão a crescer numa sociedade muito diferente, com outros valores, outras formas de encarar a aprendizagem e com um acesso quase que ilimitado às várias tecnologias existentes, o papel de professor torna-se a cada dia mais desafiante. Como se pode ler no livro *“O Professor aprendiz – criar o futuro”* (1995), para o professor do século XXI, “aprender outras formas de desenvolver novas competências, novos processos para criar novos produtos, aprender a descobrir novas necessidades,

aprender a equacionar novos problemas e a procurar novas respostas (...) será um imperativo” (p.24).

3.1.2- Cursos Profissionais de Música

Os Cursos Profissionais surgiram com a principal função de proporcionar aos jovens um tipo de ensino vocacionado para o mundo laboral, garantindo-lhes a aquisição das competências base para se desenvolverem no mercado de trabalho. Estruturados segundo um modelo pedagógico e organizacional diferenciado do ensino ministrado pelas escolas de ensino básico e secundário tradicionais, estes cursos permitem, de igual modo, que os alunos prossigam os seus estudos no nível superior. No caso dos cursos profissionais de música, estes visam, sobretudo, a formação de instrumentistas profissionais capazes de integrar o mundo artístico, oferecendo uma formação profunda, direcionada à arte performativa quer na vertente de solista, quer de conjunto.

Como pode ler-se no Decreto-Lei 26/89 de, 21 de Janeiro, que estabelece estes cursos, as escolas que os ministram deverão perseguir as seguintes finalidades:

- a) Contribuir para a realização pessoal dos jovens, proporcionando, designadamente, a preparação adequada para a vida ativa;
- b) Fortalecer, em modalidades alternativas às do sistema formal de ensino, os mecanismos de aproximação entre a escola e o mundo do trabalho;
- c) Facultar aos jovens contactos com o mundo do trabalho e experiência profissional;
- d) Prestar serviços diretos à comunidade, numa base de valorização recíproca;
- e) Dotar o país dos recursos humanos de que necessita, numa perspetiva de desenvolvimento nacional, regional e local;

f) Preparar o jovem com vista à sua integração na vida ativa ou ao prosseguimento de estudos numa modalidade de qualificação profissional;

g) Proporcionar o desenvolvimento integral do jovem, favorecendo a informação e orientação profissional, bem como a transição para a vida ativa, numa modalidade de iniciação profissional, a nível do 3.º ciclo do ensino básico e até à efetivação da escolaridade obrigatória de nove anos.

Assim, de modo a dar cumprimento às premissas acima apresentadas, as escolas profissionais de música oferecem uma formação integrada que incide, sobretudo, no âmbito da performance como solista ou instrumentista de orquestra, alicerçada em estruturas curriculares e programas próprios, adaptáveis aos objetivos que se pretendem desenvolver. De igual modo, os seus cursos, para além da componente vocacional, integram uma componente sociocultural que fornece os conhecimentos gerais. É importante destacar que o surgimento das Escolas Profissionais de Música teve também como função dar resposta às necessidades de desenvolvimento regional e local, proporcionando aos alunos de locais menos centralizados e pertencentes a classes sociais menos favorecidas, o acesso ao ensino especializado.

Estas instituições oferecem dois tipos de cursos: o Curso Básico de Instrumento, que se inicia no 7º ano de escolaridade e tem uma duração de três anos; e o Curso de Instrumentista, com início no 10º ano e uma duração igualmente de três anos. Assim que estes cursos foram implementados, primeiro em 1989 através do já referido Decreto-Lei 26/89, de 21 de Janeiro, e em 1990, através do Decreto-Lei 344/90, de 2 de Novembro, é que se define a sua estrutura e se determina que o ensino profissional se inicia no terceiro ciclo do ensino básico, pretendendo formar executantes nas mais variadas áreas artísticas num curto período de tempo. Já em anos posteriores continuaram as legislações que redefiniam outros aspetos referentes ao funcionamento destes cursos e que os equiparavam aos dos restantes países de Europa (Decreto-Lei 70/93 de 10 de Março). Instituíram-se as designadas Provas de Aptidão Profissional (PAP) como culminar dos cursos, tendo o aluno que apresentar um projeto que demostre a aquisição de competências e conhecimentos adquiridos ao longo do período de formação (Decreto-Lei 4/98 de 8 de Janeiro).

A minha experiência nestes cursos é muito ampla pois é na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo onde maioritariamente desempenho funções docentes. Nesta instituição desenvolve-se um tipo de trabalho que aprofunda e privilegia a prática instrumental, ao mesmo tempo que é garantido aos alunos as aprendizagens gerais e o contacto com uma panóplia de experiências construtivas. Enquanto professor quer de Instrumento, quer de Prática de Conjunto, tenho vindo a desenvolver uma prática docente muito ativa, tendo contribuído para a formação de inúmeros jovens que atualmente se encontram a concluir os seus estudos superiores e outros que já integram os corpos docentes das várias escolas de música e orquestras do país.

Entre os aspetos que considero muito positivos neste tipo de instituição posso referir a aprendizagem individual do Instrumento, o elevado número de horas que os alunos passam com o mesmo e o grande acompanhamento que lhes é dado através das aulas de Prática Individual e de Naípe. As características da formação ministrada nestas escolas permite que se desenvolva um trabalho muito rigoroso, direcionado para a carreira musical.

Todos os aspetos que já referi em outros subcapítulos sobre a forma de lidar com os meus alunos, a relação com os mesmos e os meus métodos de ensino aplicam-se na sua totalidade ao trabalho que desenvolvo nesta instituição. Os vários anos de trabalho e experiência garantiram-me um sentimento de identificação e pertença muito forte que alimentam o meu gosto pela docência a cada dia. De igual modo, a proximidade e empatia criada com os meus alunos, em muitos casos mantendo-se depois dos mesmos concluírem os seus cursos, tem sido importante para mim, despertando sentimentos e emoções muito positivas. Estes dois aspetos, como aponta McGaugh (apud Day, 2006, p.87) “têm um papel vital na qualidade do ensino e da aprendizagem, já que é através do nosso mundo emocional subjetivo que desenvolvemos as nossas realidades internas e externas e compreendemos os nossos relacionamentos e, eventualmente, o nosso lugar no mundo”.

3.2- Cursos Não Oficiais

3.2.1- Curso de Iniciação Musical

Sobre o Curso de Iniciação Musical, destinado aos alunos que frequentam o 1º ciclo, posso dizer que apesar da pouca regulamentação que existe referente ao mesmo, o seu propósito baseia-se, sobretudo, em colocar as crianças em contacto com diversas experiências musicais e prepará-las para o seu possível ingresso nos cursos de música oficiais. Podem candidatar-se a este curso os alunos que frequentem entre o 1º e o 4º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos. Contudo, algumas instituições oferecem cursos de Pré-Iniciação, aceitando crianças com menos de 6 anos de idade. Entre as disciplinas que conformam o curso estão: o Instrumento, as Classes de Conjunto (orquestra ou coro) e a Iniciação Musical.

Na Academia de Música de Viana do Castelo, onde sou professor, a minha experiência no Curso de Iniciação Musical tem sido ampla e gratificante, sobretudo na difícil mas aliciante tarefa de despertar em crianças de idades muito precoces o interesse e gosto pela música, pelo instrumento e por todo o conjunto de conhecimentos e práticas que se desenvolvem neste tipo de ensino.

Sendo alunos relativamente pequenos, a maneira de ensinar e transmitir-lhes os conhecimentos tem de ser efetuada de maneira diferente, utilizando outra linguagem e outro tipo de estratégias. Atendendo a estas especificidades, alguns dos aspetos que procuro desenvolver com os meus alunos de Iniciação Musical são:

- a) Despertar o gosto pelo violino e pela música em geral;
- b) A aquisição de uma boa postura no Instrumento;
- c) Desenvolver a capacidade auditiva dos alunos através de exercícios de entoação dos sons que executa nas peças para assim desenvolver uma boa afinação;
- d) Dedicar especial atenção à pulsação e à parte rítmica das obras;
- e) Trabalhar a preparação e memorização do repertório;
- f) Ajudar o aluno na organização do tempo de estudo diário e fornecer-lhe as indicações necessárias;

- g) Desenvolver a iniciativa e a autonomia;
- h) Estabelecer um método para desenvolver o estudo individual e a capacidade de colocar questões para a resolução de problemas.

Na minha opinião, a existência de cursos desta índole é de extrema importância pois sou defensor de que as habilidades e aptidões musicais devem ser desenvolvidas desde cedo. A meu ver, um contacto precoce com atividades musicais, incluindo a aprendizagem de um instrumento, pode facilitar futuras aprendizagens e criar uma maior empatia e sentido de pertença com o instrumento. Vários autores como Sloboda, Davidson, Howe & Moore (1996), Wickes (1982), Suzuki (1881), entre muitos outros, têm escrito sobre esta questão, considerando vantajosa uma aprendizagem musical desde tenra idade.

3.2.2- Curso Livre

O Curso Livre é um curso que não usufrui de qualquer tipo de financiamento público e pode ser frequentado por qualquer pessoa que tenha interesse em aprender a tocar um instrumento e receber os conhecimentos básicos de formação musical, independentemente da sua idade. Neste curso, o aluno pode escolher as disciplinas que pretende frequentar, não tendo que realizar as avaliações e os exames oficiais, nem cumprir um programa obrigatório, o que lhe permite que avance em conformidade com o seu ritmo de aprendizagem.

No desenvolvimento deste tipo de curso, e seguindo as diretrizes estabelecidas pela Academia de Música de Viana do Castelo, o meu desempenho baseia-se em dar seguimento aos interesses manifestados pelo aluno ou respetivos encarregados de educação, avaliando e tentando ir ao encontro daquilo que são as suas expectativas, as suas capacidades e as suas limitações reais perante o Instrumento. Procuro respeitar o ritmo de progressão do aluno, traçando a partir desse momento qual será a linha de trabalho a seguir.

4- O ensino instrumental individual e em grupo

Ao longo da história, o ensino de um instrumento tem estado circunscrito a um processo individual, onde apenas o professor e o aluno partilham a sala de aula. Porém, também a vertente do ensino instrumental em grupo tem vindo a ser amplamente difundida, especialmente em outras culturas.

Embora toda a minha formação e uma grande parte da minha atividade docente tenha decorrido através da aprendizagem instrumental individual, desde a implementação em 2009 do ensino do Instrumento em grupo em Portugal, através da Portaria nº. 691/2009 de 25 de Junho e respetiva Declaração de retificação n.º 59/2009, de 7 de Agosto, que tenho experienciado esta prática. De seguida apresento uma breve reflexão, baseada nas minhas experiências sobre estas duas tipologias de aula.

4.1- Aulas individuais

A meu ver, no processo de ensino-aprendizagem de um instrumento, as aulas individuais possuem um papel significativo pois permitem criar uma relação muito próxima entre o aluno e seu professor e, se desenvolvida de uma forma inteligente, profissional e dedicada, contribuirá de forma positiva ao desempenho desta tarefa.

Na minha opinião, as aulas individuais favorecem a empatia e cumplicidade entre “mestre” e “discípulo”, assim como permitem que se realize um tipo de trabalho mais profundo, direcionado às capacidades, aptidões, dificuldades e características de determinado aluno. Nesta tipologia de aula o foco é o aluno, sendo um momento privilegiado pois toda a atenção do professor centra-se naquele indivíduo e todas as estratégias de ensino-aprendizagem são direcionadas a ele.

Hallam (1998), aponta que as aulas individuais de instrumento promovem uma melhor comunicação entre o aluno e o seu professor e que despertam um maior interesse e gosto pelas aulas e pela prática do instrumento. A mesma autora conclui que a aula centrada no aluno estreita a relação entre professor-aluno e que conduz a um maior progresso deste último.

Vários anos a exercer dentro destes moldes fazem-me acreditar que para que se faça um trabalho com o rigor e a exigência que a aprendizagem de um instrumento requer, as aulas individuais de instrumento devem prevalecer perante outras tipologias de aulas instrumentais. De facto, autores como Davidson, Moore, Sloboda, & Howe (1998) concluíram, nos seus estudos, que os alunos que apresentavam maior taxa de sucesso tiveram um ensino mais individualizado nas aulas. Os mesmos autores são unânimes em que, para o aluno alcançar altos níveis de desempenho, é conveniente que toda a atenção do professor se centre nele, numa relação de *one-to-one*.

4.2- Aulas em grupo

As aulas de Instrumento em grupo constituem uma experiência relativamente recente na minha atividade docente uma vez que nas escolas especializadas portuguesas foi uma prática estabelecida há menos de uma década, como já fiz referência. Relativamente a esta tipologia de aula para mim foi uma grande novidade pois nunca tinha ensinado violino nestes moldes. Um dos principais desafios que senti foi dividir a minha atenção pelos dois ou três alunos que agora tinha na sala de aula, todos eles com capacidades, características e ritmos de aprendizagens distintos. A própria gestão do tempo da aula tornou-se essencial para conseguir atingir os objetivos propostos e garantir as mesmas oportunidades de aprendizagem aos alunos.

Analisando a experiência e resultados obtidos através do trabalho instrumental em grupo considero que, apesar destas aulas promoverem um espírito mais coletivo e de partilha, de mais regozijo e estímulo e de fomentar uma competitividade positiva, as mesmas também acarretam alguns pontos menos favoráveis tais como: a dificuldade de trabalhar profundamente determinadas particularidades das obras com cada um dos alunos, a falta de tempo, discrepâncias entre os ritmos de aprendizagem podendo desencadear sentimentos de frustração no aluno com mais dificuldades ou a desmotivação do aluno mais avançado e, finalmente, o aumento da distração e da competitividade negativa.

Ambas tipologias de aula apresentam prós e contras, todavia, independentemente das aulas de instrumento serem individuais ou em grupo, o

mais importante, do meu ponto de vista, é que o professor, desde o início, procure estabelecer um bom relacionamento com os seus alunos, ganhe a sua confiança, dialogue sobre diferentes temas, conheça os seus gostos, interesses, ambiente familiar ou outras particularidades, esclareça as suas dúvidas, converse acerca de como conseguir chegar a ser um bom instrumentista, acerca das suas perspetivas futuras no mundo da música, ofereça informação sobre os programas a desenvolver, horas de estudo necessárias para alcançar resultados satisfatórios, a forma mais adequada de gerir o tempo dedicado ao instrumento, entre muitos outros aspetos.

Na minha prática diária, e atendendo ao ambiente que me rodeia, sinto que tenho conseguido manter uma afetividade muito boa com os meus alunos, independentemente de integrarem a modalidade individual ou em grupo. Desde sempre tenho procurado ter uma atitude correta e jovial perante eles. Nas aulas procuro ser paciente e dedicado, respeito as suas individualidades e tento adequar os programas estabelecidos aos seus gostos e capacidades, dando-lhes espaço para expor as suas opiniões.

Por outro lado, estou sempre disponível, tanto dentro como fora da escola, para esclarecer qualquer dúvida, afinar o violino (sobretudo nos primeiros anos), mudar cordas, orientar-lhes sobre a compra do instrumento ou complementos, onde pode ser arranjado em caso de ruturas e tudo o que possa contribuir para um saudável e produtivo desenvolvimento educativo.

No meu ponto de vista, é neste relacionamento e cumplicidade que se desenvolve nas aulas de instrumento que o professor consegue potenciar o melhor de cada aluno e ao mesmo tempo aprender com eles. Referente a este aspeto, o grande violinista e pedagogo russo David Oistrakh, referia:

“O trabalho pedagógico é um laboratório criativo (...), quando estabelece relação com uma juventude talentosa, quando observas o crescimento de talentos jovens, encontras frequentemente respostas às perguntas que de outra forma não poderias encontrar. Às vezes vêes como o aluno intuitiva ou conscientemente resolve determinada tarefa de uma forma que nós próprios nunca tínhamos pensado. Assim, paulatinamente amplia-se a experiência, e como resultado, influi favoravelmente na arte interpretativa do próprio professor” (Oistrakh apud Carreras, 1985, pp. 146 e 147).

CAPÍTULO IV- EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

1- Conservatório “Esteban Salas” (Santiago de Cuba, Cuba)

Nesta instituição fui professor de Violino e de Metodologia do Ensino dos Instrumentos de Arco.

Atribuição de horário nos diferentes anos letivos:

- 1985/1986: 12 horas semanais
- 1986/1987: 11 horas semanais
- 1987/1988: 14 horas semanais
- 1988/1989: 13 horas semanais
- 1989/1990: 12 horas semanais
- 1990/1991: 11 horas semanais
- 1991/1992: 15 horas semanais
- 1992/1993: 13 horas semanais
- 1993/1994: 14 horas semanais

Neste período participei em diversas atividades com os alunos, tais como: *master-classes*, concertos em diferentes locais da cidade, concursos, *workshops*, audições de classe, entre muitas outras.

2- Escola Vocacional de Arte (Santiago de Cuba, Cuba)

Nesta instituição fui professor de Violino e de Prática de Conjunto.

Atribuição de horário nos diferentes anos letivos:

- 1985/1986: 11 horas semanais
- 1986/1987: 13 horas semanais
- 1987/1988: 11 horas semanais
- 1988/1989: 10 horas semanais
- 1989/1990: 12 horas semanais
- 1990/1991: 13 horas semanais
- 1991/1992: 14 horas semanais

- 1992/1993: 12 horas semanais
- 1993/1994: 13 horas semanais

Neste período continuei a participar em diversas atividades com os alunos, tais como as que já referi anteriormente.

3- Escola Profissional de Música (Viana do Castelo, Portugal)

Nesta instituição sou professor de Violino, de Naípe e de Prática de Conjunto.

Atribuição de horário nos diferentes anos letivos:

- 1995/1996: 21 horas semanais
- 1996/1997: 22 horas semanais
- 1997/1998: 22 horas semanais
- 1998/1999: 22 horas semanais
- 1999/2000: 22 horas semanais
- 2000/2001: 22 horas semanais
- 2001/2002: 22 horas semanais
- 2002/2003: 22 horas semanais
- 2003/2004: 22 horas semanais
- 2004/2005: 22 horas semanais
- 2005/2006: 22 horas semanais
- 2006/2007: 22 horas semanais
- 2007/2008: 20 horas semanais
- 2008/2009: 20 horas semanais
- 2009/2010: 20 horas semanais
- 2010/2011: 18 horas semanais
- 2011/2012: 22 horas semanais
- 2012/2013: 23 horas semanais
- 2013/2014: 25 horas semanais
- 2014/2015: 27 horas semanais

Neste período, para além de participação com os alunos em atividades da mesma índole das já referidas, colaborei também como júri em frequências de Instrumento, recitais de Provas de Aptidão Profissional e Concursos Internos.

No ano letivo 2013-2014 preparei e apresentei uma aluna no Concurso Nacional “Gilberta Paiva”, em Santa Maria da Feira, tendo a mesma obtido o 2º prémio na sua categoria.

De igual modo, e como também já fiz referência, desempenhei funções de Diretor de Curso de Cordas nesta instituição.

4- Academia de Música (Viana do Castelo, Portugal)

Nesta instituição sou professor de Violino e Classe de Conjunto.

Atribuição de horário nos diferentes anos letivos:

- 2005/2006: 7 horas semanais
- 2006/2007: 6 horas semanais
- 2007/2008: 9 horas semanais
- 2008/2009: 12 horas semanais
- 2009/2010: 12 horas e 30 minutos semanais
- 2010/2011: 15 horas semanais
- 2011/2012: 8 horas semanais
- 2012/2013: 9 horas semanais
- 2013/2014: 4 horas semanais
- 2014/2015: 1 hora e 45 minutos semanais

Neste período continuei a participar em diversas atividades com os alunos, tais como as que já referi anteriormente, bem como desempenhei funções de Coordenador do Departamento de Cordas e de Diretor de Turma.

CAPÍTULO V – PERSPETIVA PEDAGÓGICA

1- O professor

O profissional de ensino é, como afirma Roldão (2009), “alguém que sabe – e por isso pode, e a sociedade espera que o faça – construir a passagem de um saber ao aluno” (p.23). Cabe-lhe, por isso, assumir a responsabilidade de estabelecer a mediação entre o saber e o sujeito aprendente que tem a seu cargo.

O professor de música, tal como qualquer outro formador, também desempenha esta função. A meu ver, enquanto profissional da música, não só considero que devo ser um transmissor consciente dos múltiplos conhecimentos e ações pedagógicas recebidas dos educadores com os quais tive contacto durante a minha vida mas, acima de tudo, fazer com que os meus alunos assimilem, conservem e ponham em prática esses conhecimentos. O desempenho desta função implica que o professor possua uma série de características distintivas.

Para Bastien (apud Harder, 2008), “as qualidades básicas de um professor bem-sucedido consistem no conhecimento, personalidade, entusiasmo, autoconfiança, entre muitos outros atributos pessoais” (p.129). Desde o ponto de vista das qualidades que considero necessárias ao desempenho do profissional da música destaco as seguintes: deve ser um conhecedor incansável do universo musical, amar a música, desenvolver as suas capacidades musicais (tanto vocais, como instrumentais) e possuir um alto sentido crítico. Deve, ainda, procurar ser uma pessoa humilde, capaz de estar aberto a uma constante aprendizagem. Deve saber animar, inspirar, transmitir confiança, ser sensível, imaginativo, comunicativo, organizado e estar sempre atualizado. Cabe-lhe, também, atuar não só frente aos alunos, mas também desenvolver a sua capacidade de inter-relação com os encarregados de educação, desenvolver a afinidade com os outros professores, mostrando espírito de compreensão, ajuda mútua e partilha de experiências, assim como garantir uma estreita colaboração com o pessoal não docente, valorizando o seu papel perante a comunidade escolar.

Com efeito, ser professor é uma profissão que vai muito além da simples tarefa de ensinar. É um ofício exigente, que requer conhecimento, envolvimento,

comprometimento, capacidades e qualidades profissionais e intelectuais. Como pode ler-se em Roldão (2009, p.47)

“Se a aprendizagem fosse automática, espontânea e passiva, o professor seria desnecessário. Se, para aprender, bastasse proporcionar informação, seria suficiente ter posto os livros nas mãos dos alunos ou disponibilizar-lhes hoje tecnologias da informação. Mas é justamente porque aprender é um processo complexo e interativo que se torna necessário um *profissional de ensino* – o professor”.

2 – O professor de violino e as estratégias de ensino/aprendizagem

O processo de ensino em geral, e de um instrumento em particular, não é uma tarefa nem fácil, nem simples, como já fui referenciando ao longo do relatório. Este não pode limitar-se aos atos de treino, cumprimento de programas, consolidação de conhecimentos e avaliações.

Como define Roldão (2009), ensinar é “desenvolver uma ação especializada, fundada em conhecimento próprio, [fazendo] com que alguém aprenda alguma coisa que se pretende e se considera necessária” (pp.14 e 15). Para tal, a mesma autora considera imprescindível “acionar e organizar um conjunto variado de dispositivos que promovem ativamente a aprendizagem do outro (...) [pois] é no modo como se ensina que hão de encontrar-se as potencialidades que viabilizam, induzem e facilitam a aprendizagem” (*idem*).

No meu entender, o professor de violino, além de possuir as características gerais de todo educador já referidas anteriormente, deve ter o carisma particular da sua especialidade. Para o aluno de violino, o seu professor de Instrumento é a pessoa mais direta e é através dele que recebe um conjunto de experiências que se não forem corretamente direcionadas podem influenciar negativamente um possível futuro promissor neste âmbito.

O trabalho do professor de violino deve ser retroativo, ou seja, ensinar e nutrir-se ao mesmo tempo. Não deve expelir matéria, pelo contrário, deve atuar com uma grande sensibilidade e psicologia, sabendo que quanto melhor

conhecimento tiver do seu aluno mais certo será nos métodos que utiliza, potenciando resultados mais satisfatórios.

No livro *“Interpretação e Ensino do Violino”*, o violinista e pedagogo persa Iván Galamián (1998) refere que “o professor há-de ser consciente de que cada estudante tem a sua própria personalidade, as suas próprias características físicas e uma disposição mental diferente, a sua própria focagem do instrumento e da música.” (p.13).

O professor de violino deve transmitir ao aluno o respeito pela arte, pelo trabalho e pelas relações humanas, além de proporcionar nas suas aulas uma atmosfera saudável, estimulando o amor pelo instrumento, pela disciplina e pela criatividade. Bastien (apud Harder, 2008) refere que para um professor de instrumento ser bem sucedido deve possuir quatro características fundamentais: “ser agradável, entusiástico, ser encorajador e ser paciente” (p.130).

Para Harder (2008), o professor de Instrumento deve possuir habilidade para “identificar o potencial musical em seu aluno, manter com ele um bom relacionamento pessoal e proporcionar ao mesmo um ambiente favorável para que esta aprendizagem ocorra” (p.132). O mesmo autor afirma que o professor “deverá buscar que seu aluno esteja informado e preparado para interpretar as diferentes obras musicais, não apenas de maneira técnica, mas, desenvolvendo sua expressividade, entre diversas habilidades interpretativas” (*idem*).

Vários anos de experiência levam-me a afirmar que o ensino de um instrumento é uma tarefa que requer arte, tato pedagógico e muita reflexão. Ao desenvolver a sua função, o professor de instrumento tem de ser estratégico, não só no uso de diversas ferramentas que facilitem a aprendizagem do aluno, como também na sua forma de ser e cativar o mesmo para o trabalho.

É importante salientar que o trabalho do docente de violino se inicia muito antes da primeira aula de instrumento. A partir do momento que o aluno realiza a sua prova de aptidão ele já deverá perceber, com alguma clareza, diversos aspetos relacionados com as condições físicas, as capacidades psico-motoras, as habilidades musicais do estudante, entre outros.

2.1- Caracterização dos diferentes tipos de alunos

Cada aluno é um ser individual, detentor de características muito particulares. Ao longo da minha carreira docente tenho trabalhado com alunos muito diferentes, desde alunos muito talentosos, com iniciativa e autodidatas até alunos com falta de gosto e sem grandes aspirações. Igualmente, já tive a oportunidade de trabalhar com alunos pouco talentosos, alunos exageradamente emocionais, demasiado passivos ou extremamente nervosos, alunos indomáveis e outros pouco ou nada trabalhadores. Todas estas particularidades devem-se ao facto de que cada aluno possui um temperamento, uma personalidade e um carácter muito próprio, influenciando fortemente a maneira como irá encarar e desenvolver o processo de aprendizagem.

Estes três aspetos têm sido amplamente estudados no âmbito da psicologia, sendo alvo de diversas interpretações. Petroviski (apud Volpi, 2004), por exemplo, define o temperamento como sendo “a combinação determinada e constante das peculiaridades psicodinâmicas do indivíduo, que se revelam por meio de suas atividades e comportamento, compondo dessa forma a sua base orgânica” (p.2). Para Volpi (2004), este será “uma disposição inata e particular de cada pessoa, pronta a reagir aos estímulos ambientais; é a maneira interna de ser e agir de uma pessoa, geneticamente determinado; é o aspeto somático da personalidade” (p.2).

Já a personalidade, como aponta o mesmo autor, é desenvolvida ao longo das várias etapas psicoafetivas pelas quais a criança passa desde a gestação e comporta tanto elementos herdados geneticamente como os adquiridos do meio ambiente onde se insere. Volpi (2004) refere ainda que, embora certos traços possam ser semelhantes aos de outra pessoa, a personalidade é única.

Relativamente ao carácter, Reich (apud Volpi, 2004) defino-o como “o conjunto de reações e hábitos de comportamento que vão sendo adquiridos ao longo da vida e que especificam o modo individual de cada pessoa” (p.5). Volpi (2004) completa esta ideia referindo que “é por meio do carácter que a personalidade e o temperamento do indivíduo se manifestam. Portanto, conhecer o carácter de uma pessoa significa conhecer os traços essenciais que determinam o conjunto de seus atos” (p.6).

Partindo deste pressuposto, e considerando a minha experiência de vários anos a lidar com alunos completamente diferentes, considero que, para facilitar o trabalho, cada professor deve elaborar um esboço geral das características dos seus alunos e, em consequência, isso ajudará a compreendê-lo melhor e a ajustar o material de estudo e as estratégias de ensino. Por outras palavras, o docente deverá procurar captar o temperamento, a personalidade e o caráter de cada um dos seus alunos, bem como as suas aspirações futuras, as suas capacidades intelectuais, as suas motivações, o ambiente familiar, entre outros aspetos. Este conhecimento é indispensável para o professor orientar o seu trabalho, potenciar as melhores características de cada aluno e conseguir um maior aproveitamento e motivação do educando.

Como aponta Fernandes Filho (apud Volpi, 2004), “a pessoa já traz consigo, em seus genes, diferentes tendências, interesses e aptidões que também são formados pela combinação dinâmica entre diversos fatores hereditários e uma infinidade de influências sócio-psicológicas que ela recebe do meio ambiente” (p.4). De forma muito breve, e com base nos diferentes tipos de alunos que já trabalhei, apresento de seguida uma pequena descrição dos mesmos.

Os alunos talentosos são alunos com grandes habilidades e capacidades de aprender com rapidez e exatidão. Como refere Winner (1998), estes alunos são bastante auto-suficientes, possuindo competências para desenvolver as suas habilidades por si sós.

Os alunos com iniciativa e autodidatas são alunos com uma grande autonomia e capacidade de resolução de problemas. Regra geral são interessados, atentos e acatam corretamente as orientações do professor. São alunos que permitem que se faça um trabalho sem grande esforço já que costumam realizar um estudo regular e segundo as indicações dadas.

No caso dos alunos com falta de gosto e sem aspirações, estes podem ser obedientes e obter bons resultados, no entanto, isto acontece normalmente apenas enquanto estão sob a proteção e incentivo do docente. Nas aulas com este tipo de alunos é preciso desenvolver a motivação, o trabalho autodidata, assim como formar um gosto artístico e ensiná-los a raciocinar e a pensar por si mesmos.

Quanto aos alunos pouco talentosos posso referir que, quase sempre trabalham incorretamente as observações feitas pelo professor e repetem com frequência os mesmos erros em cada obra que estudam. São alunos que requerem muita persistência e atenção do professor. Nestes casos costumo focar-me no principal e não ir tanto ao detalhe.

Os alunos exageradamente emocionais devem ser ensinados a concentrar-se profundamente e a libertar-se de emoções que perturbam os aspetos performativos do instrumento. Isto leva bastante tempo e deve fazer-se com grande cuidado e tato para não destruir a individualidade artística e criativa do educando. É necessário o fortalecimento do ritmo, o qual tenho constatado que é geralmente a parte mais débil dos alunos demasiado emocionais.

Relativamente aos alunos passivos, estes precisam de ser constantemente estimulados para poderem libertar o seu lado mais emocional e enérgico. Os alunos nervosos já são bastante inseguros e perdem o controlo de si mesmos com facilidade. As causas do nervosismo são diversas, desde uma má preparação das obras até problemas de ordem não musical, como a situação geral do sistema nervoso, traumas, etcétera. Estes alunos muitas vezes têm falhas de memória ou desenvolvem problemas técnicos onde não os havia. Para estes alunos considero estratégico coloca-los a tocar mais vezes em público e tocar as peças do início ao fim nas aulas e ensaios.

Já me deparei, igualmente com alunos indomáveis e caprichosos. Normalmente são alunos talentosos, com uma individualidade muito forte e uma grande segurança em si mesmos. Do trabalho efetuado com alunos deste género senti que recebiam as orientações com um sentimento instintivo de resistência e protesto. Com estes alunos devemos mostrar alguma flexibilidade pois o método de impor pode levar à perda do contato professor-aluno. Devemos tentar compreendê-los e encontrar tudo o que há de positivo neles, além de procurar um canal de comunicação eficaz.

Por fim, os alunos que pouco ou nada trabalham devem ser ensinados a ganhar hábitos regulares de estudo, além de fazer-lhes compreender que a vontade de trabalhar e estudar têm um papel crucial no seu desenvolvimento. Normalmente são alunos que começam a acumular lacunas, não por falta de habilidades mas sim de trabalho contínuo e persistência.

Devo salientar que esta classificação dos diferentes tipos de alunos está fortemente alicerçada não só na minha experiência pedagógica, como também em conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação, ora através da consulta das várias Orientações Metodológicas sobre o Ensino do Violino existentes em Cuba, ora através das experiências transmitidas pelos meus professores. Na realidade, durante a minha prática profissional, como já fiz referência, tenho constatado a veracidade de tal caracterização e com o intuito de aprofundar os meus conhecimentos ao respeito tenho procurado informação mediante a pesquisa de documentos, livros, artigos e outros materiais.

2.2- O trabalho individual do aluno

Dentro do marco das tarefas específicas do pedagogo no que a matéria musical se refere, uma das mais essenciais é mostrar ao aluno que o seu trabalho individual é uma parte primordial da sua formação e que o trabalho do professor resultaria praticamente nulo se este não existisse.

Sobre o estudo, Galamian (1998) referia que uma das coisas mais importantes que o professor deve ensinar aos seus discípulos é, por conseguinte, a técnica de um bom estudo. Tem que fazer compreender aos seus alunos que o estudo deve ser uma continuação das aulas, que é um processo de autoaprendizagem no qual, na ausência do professor, o próprio aluno tem que atuar de forma autodidata, atribuindo-se a si próprio tarefas concretas e supervisionando o seu próprio trabalho. Um professor que se limita a ressaltar os defeitos e não a ensinar o modo de corrigi-los, é um fracasso na sua missão de mostrar ao discípulo como trabalhar por si mesmo.

Eu entendo como sistema de trabalho individual a organização e a metodologia, a qual dá maior produtividade ao tempo de trabalho que o estudante de música dispõe para cumprir as observações dadas pelo docente na aula de instrumento. Assim, o trabalho individual tem, a meu ver, duas fases muito unidas entre si: o regime de trabalho e o método de trabalho. A primeira está intimamente relacionada com a quantidade de tempo para trabalhar, a sua divisão dentro do dia, a divisão do material de estudo e a ordem de estudo do material. Já a

segunda corresponde a saber concretamente a forma de estudar e saber trabalhar as dificuldades que acarreta o material de estudo.

Do meu ponto de vista, o trabalho individual segue um primeiro aspeto: a parte técnica. Esta é constituída pelo fortalecimento do aparelho técnico, aperfeiçoamento da técnica e estudo dos distintos elementos básicos da técnica do instrumento. O segundo aspeto está relacionado com o estudo e trabalho do material artístico, o qual deve ser cuidadosamente escolhido, pois pode resultar contraproducente na formação do gosto musical do jovem músico.

É muito importante salientar que o sistema de estudo individual não deve ser concebido de uma maneira rígida, e sim adaptado as características particulares de cada aluno. Galamian (1998), referente a este aspeto referia:

“Não tem sentido exigir dogmaticamente que cada aluno pratique um determinado número de horas com base num programa rígido. Os requerimentos e possibilidades irão variar individualmente (...) É importante que o tempo se utilize eficientemente, e que o estudo seja um hábito quotidiano. O estudo regular e diário fará progredir o aluno muito mais rapidamente que longos e intensos períodos de prática irregular, distribuídos aos saltos” (p.126).

Para concluir, penso que o sistema de trabalho individual, se preparado e orientado desde o começo da aprendizagem de um instrumento, permitirá ao aluno obter um maior rigor e disciplina no seu estudo e trabalho individual, promovendo o seu desenvolvimento profissional. Com o passar do tempo, o aluno, ao conhecer profundamente o conceito de trabalho, ao estudar para superar as suas dificuldades, para potenciar as suas capacidades e para desenvolver a autonomia, a autocrítica e o autocontrolo, atingirá elevados níveis de desenvolvimento na sua área instrumental.

2.3- A preparação das obras musicais

O aluno, para dar primeiros passos na aprendizagem musical, necessita de conhecer os aspetos técnicos do seu instrumento e, além disso, desenvolver os seus conhecimentos musicais. O professor deve dar a conhecer ao aluno os elementos da frase musical, assim como os da expressividade e interpretação e, desta forma, empreender novas e mais exigentes tarefas.

No momento de escolher uma obra procuro ter sempre em consideração quais os aspectos técnicos e musicais o aluno mais precisa trabalhar e desenvolver. No repertório pedagógico de cada Instrumento existem exercícios, estudos, peças e outro tipo de obras que permitem desenvolver diversos aspectos como a velocidade, os golpes de arco e a musicalidade, para citar alguns.

Não devemos nunca esquecer que, além das exigências técnicas, é fundamental despertar no educando a criatividade, a fantasia e a imaginação. Só desta maneira, no meu ponto de vista, a interpretação será mais interessante, e não apenas uma mera interpretação formal. Assim, torna-se importante acrescentar que a aprendizagem cuidadosa do texto musical e uma também meticulosa atenção ao mesmo é a primeira condição de um trabalho exitoso na preparação das obras.

Obviamente que a cuidadosa atenção do texto e as indicações dadas pelo compositor não garantem totalmente uma interpretação artística, mesmo quando o aluno possui uma grande técnica violinística. Na sua preparação, o intérprete tem a função de captar a essência da música, compreender o seu conteúdo ideológico e musical e a sua forma. Em correspondência com isto, ele deve encontrar os meios para transmitir o máximo possível de particularidades da obra e além disso encontrar o caráter dos meios de expressividade e os hábitos de interpretação. Todos estes fatores devem ser analisados pelo docente e ajudar o seu aluno a encontrar a melhor forma de proceder a uma correta preparação e interpretação de cada obra em base à sua própria experiência e ao estilo de cada compositor/época.

2.4- A leitura a primeira vista

Dentro da diversidade dos hábitos musicais e técnicos que o aluno deve desenvolver no processo de aprendizagem do Instrumento, o hábito da leitura a primeira vista ocupa um lugar preponderante. O objetivo será conseguir que o aluno seja capaz de tocar corretamente com ritmo, afinação e sem paragens uma obra desconhecida, cujas dificuldades não se sobreponham às suas possibilidades técnicas.

Como é óbvio, nem sempre o aluno consegue executar esta tarefa como seria esperado, por isso é indispensável tomar atenção à correta educação deste hábito e analisar o porquê de alguns alunos lerem bem à primeira vista e outros não. Muito frequentemente, músicos talentosos que tocam maravilhosamente leem muito mal à primeira vista e vice-versa. Evidentemente existem condições das quais depende este hábito. Nesse sentido, cabe ao professor explicar detalhes da técnica para alcançar uma boa leitura.

A escrita musical é o conjunto de signos convencionais através dos quais se constroem frases, conjuntamente com o desenho melódico, metronómico, harmónico e dinâmico da obra musical. Além disso, a obra é ainda constituída por toda uma série de elementos e indicações como golpes de arco, dedilhações, ornamentos, etcétera. Para poder abarcar de uma só vez tal quantidade de informação é necessário que o aluno possua uma série de hábitos técnico-musicais tais como: um ouvido interior desenvolvido, a sensação de ritmo, o conhecimento das tonalidades, posições e golpes de arco, para citar alguns.

A leitura a primeira vista e o seu treino regular tem como base proporcionar ao aluno a capacidade de ler e interpretar música de forma imediata. A aquisição e desenvolvimento desta capacidade é imprescindível em diversos contextos, nomeadamente no âmbito da prática orquestral, da música de câmara e da de direção de orquestra.

2.5- O trabalho com o piano

No estudo de um instrumento musical, o trabalho conjunto com o pianista acompanhador é uma prática muito importante. Para além de enriquecer a performance, considero que tocar juntamente com o piano, inclusivamente no período em que a obra ainda não está aprendida na sua totalidade, leva a bons resultados e aumenta o grau de motivação do aluno. Algumas das práticas que costumo desenvolver com os meus alunos nas aulas em que se trabalha com o acompanhamento do piano são:

- Conhecer a parte do piano ao ouvi-la sem tocar o instrumento, mas prestando atenção à parte do violino.

- Tocar a parte de violino dando maior atenção aos momentos mais significativos da parte do piano.
- Manter uma junção equilibrada entre o violino e o piano quer a nível rítmico, quer a nível de interpretação.
- Ajustar a afinação do violino em relação ao piano.
- Contagem dos compassos de espera e treino das entradas e das passagens de maior dificuldade.

Obviamente estes são apenas meros exemplos de algumas das minhas práticas diárias, contudo, cada professor poderá e deverá ajustar o seu método da forma que considerar mais conveniente.

2.6- A preparação para a apresentação pública

A relação de um intérprete com o palco é uma questão intrínseca de cada músico, começando desde a escola e continuando a desenvolver-se quando já se é um artista maduro. Infelizmente, nem todos os músicos gozam do dom de controlar os seus instintos na performance, porém, em maior ou menor medida, penso que todos experimentam o nervosismo e a ansiedade quando toca em público.

Há músicos que gastam uma grande quantidade de energias para controlar este estado e há outros que simplesmente não têm a sorte de dominar-se tão bem, provocando que muitas vezes o trabalho de vários dias ou até mesmo meses fracasse nos escassos minutos que dura atuação, despoletando traumas e medos.

Sem dúvida, as qualidades individuais de cada pessoa constituem um papel relevante nisto, no entanto, o papel da educação musical recebida desde o início dos estudos do Instrumento e do modo como o aluno, com a ajuda do seu professor, se prepara para a apresentação pública são decisivas para o seu sucesso.

Sempre considerei imprescindível educar o aluno, desde os primeiros momentos da sua aprendizagem, que estudar um instrumento musical implica apresentar-se em palco. O estudante deve compreender desde cedo, e isso é missão do pedagogo, a importância social da sua atividade como intérprete e a

responsabilidade que tem perante o público. Isto traduz-se na qualidade da interpretação e a comunicação alcançada com os ouvintes. Por isso, de antemão, é crucial fazer-lhe assimilar que uma performance correta só é possível depois de um longo e intenso trabalho com toda a perseverança e dedicação que demanda o estudo da arte musical.

Em termos práticos, a preparação de uma apresentação pública não é simples e para que a mesma se desenvolva devidamente é vital que as etapas de estudo que a antecedem se desenvolvam perfeitamente. De igual modo, considero que um dos passos fundamentais na preparação de uma performance pública é a planificação do trabalho.

Frequentemente, difíceis e constrangedoras situações que os alunos vivenciam em palco (esquecimentos, tremores, falta de controlo do arco, insegurança, ansiedade, entre outros) devem-se ao facto de não se ter efetuado uma boa preparação da(s) obra(s) em questão e que a planificação do trabalho tenha sido insuficiente. Para Sprinthall & Sprinthall (1993) “quanto melhor o material é aprendido (...), menos ansiedade se gerará” (p.285). Os mesmos autores apontam que “as pessoas sentem-se menos ansiosas quando fazem coisas que sabem fazer” (*idem*).

Atendendo a esta particularidade, considero que quando uma peça está bem sabida ou bem memorizada significa que foi concebido um plano interpretativo e a obra está tecnicamente dominada. Na minha prática diária, quando vejo que o aluno já domina determinada obra deixo a mesma “descansar” para que assente a amadureça. Às obras que se encontrem nesta etapa devem-se voltar pelo menos um mês antes da sua apresentação pública, já que no processo de amadurecimento aparecem novas exigências, tanto por parte do professor como por parte do aluno.

Uma errada planificação do trabalho traz como repercussão que o aluno comece a perder o interesse em determinadas obras e como consequência disto que as toque cada vez pior. Aproximando-se o momento da apresentação esta situação despoleta um nervosismo por parte do docente e do educando, provocando que algumas peças sejam acabadas de estudar “atropeladamente”.

Na etapa final é determinante começar a tocar as obras completas, sem parar, dois vezes pelo menos, e depois trabalhá-las por partes, aprofundando e

planificando-as ao máximo. Claro que isto exige uma grande concentração e controlo, o que é indispensável no mundo musical.

A concentração consiste em colocar todas as nossas faculdades mentais em função do que estamos a fazer; disto depende a ilação de todas as ideias e o logro de uma interpretação acabada até aos seus últimos detalhes. O facto de tocar o programa completo permite a lógica interna do desenvolvimento musical de cada obra e transmiti-la o melhor possível, através da imagem sonora e, à sua vez, captar a relação existente entre todas as obras que o compõem. Tocar o programa exige, igualmente, uma resistência que é necessário ir treinando. Cerca de uma semana antes do concerto não se deve atormentar o aluno com muitas indicações, já que isso poderia refletir-se negativamente na atuação.

Por outro lado, o palco solicita a concentração e a adaptação à acústica. O ensaio no local onde será a apresentação é fundamental. Para conseguir que o aluno toque mais concentrado e menos nervoso é imprescindível prepará-lo bem e de nenhuma forma permitir que apresente peças que não estejam suficientemente preparadas, já que as falhas diante os ouvintes trazem frequentemente o pânico.

Relativamente a esta questão, considero incorreto o facto de se fixar a atenção dos alunos no problema do nervosismo. Pelo contrário, é essencial fazer com que eles sintam prazer e alegria por relacionar-se com o público. Posso afirmar que quando o intérprete é capaz de realizar uma performance satisfatória, sente-se livre física e espiritualmente. Desta maneira, acho extremamente proveitoso tocar com frequência em público já que, para além de permitir uma habituação a esta situação, diminuindo a ansiedade e nervosismo sentido, consciencializam os alunos que é realmente necessária uma boa preparação prévia.

2.7- O envolvimento dos Encarregados de Educação

Um dos aspetos que considero muito relevante no processo de ensino-aprendizagem é o apoio e envolvimento dos encarregados de educação. Do meu ponto de vista, a família, e em especial estas pessoas que, tal como o nome deixa transparecer estão incumbidas de zelar pelo seu educando, desempenham, juntamente com o professor de Instrumento, uma função fulcral.

Na minha prática diária procuro estabelecer uma estreita correspondência com os encarregados de educação dos meus alunos, assim como um contacto regular com os mesmos a fim de estabelecermos um controlo sobre o desenvolvimento do aluno. Este contacto permite-me, ainda, ter um maior conhecimento deles e do seu ambiente familiar.

Ao conversar com os encarregados de educação tento pô-los a par do desenvolvimento do estudante, o que considero de importância extrema pois assim permito-lhes que tomem um papel ativo na vida do educando. Outro aspeto relevante para o qual costumo chamar a atenção desde o primeiro contacto é explicar-lhes que a motivação do aluno, como a define Lemos (2005), é a “força que energiza e dirige o comportamento” (p.194) e que ela pode e deve começar em casa. Esta motivação, apoio e acompanhamento que o aluno recebe dos seus familiares, e especialmente dos seus encarregados de educação, constituem-se fatores básicos para o seu sucesso ou insucesso.

Em conclusão, e atendendo a que um dos meus objetivos enquanto pedagogo é procurar sempre o melhor para os meus alunos e potenciar ao máximo as suas capacidades, esta colaboração mútua entre professor e encarregados de educação facilitam, sem dúvida, esta tarefa.

3- Capacidades mentais e musicais

Para um bom desempenho no Instrumento o aluno, com a ajuda constante do seu professor, tem de exercitar determinadas capacidades mentais e musicais. O leque de competências que este deverá desenvolver é vasto, no entanto, neste relatório irei apenas focar três capacidades que considero essenciais à aprendizagem de um instrumento, e do violino em particular. São elas:

- 1) a atenção
- 2) a memória (visual, auditiva e motora)
- 3) o ouvido musical e a sua importância para o violinista

3.1- A atenção

O conceito de atenção comporta diversos significados e pode ser aplicado em diferentes âmbitos. Na psicologia, este termo refere-se ao processo cognitivo mediante o qual o indivíduo seleciona os estímulos mais relevantes recebidos do meio ambiente para um processamento mais profundo.

Tanaka (2007), baseado na visão sócio-histórica de Luria e Vygotsky, define a atenção como “a direção da consciência, o estado de concentração da atividade mental sobre determinado objeto” (p.63). De acordo com Almeida (2012), alguns autores como Sosin e Myra, Polaino-Lorente e Ávila, referenciam a atenção como condição essencial do processo de aprendizagem, devendo ser estimulada a manter-se no maior período de tempo possível. Com efeito, este processo assume grande relevância na educação, já que um dos requisitos para uma aprendizagem eficaz é precisamente a atenção prestada pelo aluno e a sua capacidade de se abstrair dos diversos estímulos visuais e sonoros que recebe a cada momento.

Pinto (2001) sugere que, para se aprender seja o que for, é necessário, em primeiro lugar, prestar atenção e, prestar atenção consiste em “selecionar um ou mais estímulos de entre os muitos que nos rodeiam de modo a poderem ser processados de forma mais vasta e profunda (...)” (p.2). Com efeito, o papel que a atenção desempenha no processo de aprendizagem é muito importante. Com frequência, a falta ou insuficiência de atenção no estudante motiva a que este não compreenda ou fixe incorretamente na memória o material de estudo, desencadeando frequentes erros ao realizar as tarefas impostas pelo professor. A atenção é por isso indispensável para que o estudante trabalhe com êxito.

Segundo Tanaka (2007), Vygotsky apelava a dois tipos de atenção: a atenção voluntária e a atenção involuntária. No primeiro caso, o indivíduo pode escolher o objeto ou estímulo para o qual pretende centrar a sua atenção, desligando-se dos restantes estímulos que tem à sua volta. No segundo caso trata-se de uma condição com a qual nascemos e consiste na reação involuntária de focar a nossa atenção em qualquer estímulo relevante.

Em qualquer um dos casos, é tarefa do professor saber dirigir a atenção do aluno ao objetivo necessário num momento determinado. Uma estratégia poderá ser atrair a sua atenção mediante a realização de um trabalho ativo e interessante,

o qual contenha um objetivo concreto. Ao ser atraído, o educando estará mais tempo atento e concentrado. Contudo, como sugere Pinto (2001), “a atenção é um recurso cognitivo limitado e se uma tarefa é bastante complexa, os recursos atencionais necessários para a processar cabalmente ficam mais rapidamente esgotados” (p.3).

Para vencer estes obstáculos surge a necessidade de recorrer a outro tipo de estratégias especiais que mantenham a atenção do aluno na tarefa a desenvolver. Algumas vezes é indispensável eliminar, ou pelo menos minimizar, a influência de estímulos externos como por exemplo: recolher objetos que desviem a atenção, diminuir a intensidade dos sons que nos chegam, entre outros. A criação de condições ambientais é, portanto, de grande relevância para ajudar o estudante a manter a atenção voluntária.

Por outro lado, a quantidade de objetivos que o aluno pode abarcar de uma só vez com a atenção depende do treino. A criança quando aprende a ler fá-lo letra a letra, enquanto a pessoa adulta lê as palavras completas e as frases. A mesma situação se verifica com a leitura das notas musicais, por exemplo. No início, o aluno foca cada nota muito lentamente, depois, resultado do treino, ele já não vê só a nota, mas sim a figura, a altura e mais tarde percebe todo um grupo de notas. Como refere Pinto (2001), “através da prática continuada e sistemática é possível realizar uma tarefa de forma cada vez mais automática” (p.3). Assim, cada novo hábito deve desenvolver-se com base na atenção prestada, ou seja, mediante um elevado controlo da consciência. Perante o aperfeiçoamento de um determinado hábito, a concentração da atenção diminui pouco a pouco e o aluno então aprenderá a distribuir a atenção. O estudante conseguirá controlar as suas ações e no fim, quando o hábito se torne automático, libertar-se-á para assimilação de novos hábitos.

3.2- A memória

Na sua definição mais simples, a memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informação. Esta, juntamente com a atenção, é um fator determinante no processamento da aprendizagem já que aprender não é apenas adquirir novas informações mas também aprofundar, corrigir e reorganizar os conhecimentos que já possuímos. Desde esta ótica, e como aponta Pinto (2001, p.1), “aprendizagem e memória são interdependentes”. Esta interdependência, como continua o mesmo autor, “ocorre porque a estrutura e significado do material a ser aprendido está em grande parte dependente do conhecimento atualmente retido na memória” (*idem*).

A memória e o processamento da informação desenvolvem-se em várias fases. Como sugerem Sprinthall&Sprinthall (1993), o processo inicia-se quando a informação recebida através dos sentidos é codificada na memória e no sistema nervoso. Depois de codificada esta informação é armazenada e processada podendo ser recuperada e trabalhada posteriormente.

É do senso comum considerar que o Homem percebe a sua realidade através dos seus órgãos sensitivos e estas percepções ficam na memória. Para que alguém se recorde de alguma coisa faz falta, como premissa indispensável, que se tenha fixado na memória. A memória expressa-se, assim, na capacidade do indivíduo em relação à recordação, conservação, reconhecimento e reprodução.

Na prática instrumental, a memória visual, auditiva e motora são muito importantes. Os movimentos e o tato, por exemplo, representam toda uma série de complexas sensações, dirigidas a um objetivo, sendo o mesmo de fácil lembrança: recorda-se desde a primeira sensação.

O tato é o sentido mais importante para o violinista pois ante a assimilação dos hábitos violinísticos, a memória tátil ajuda a orientar-se em cada movimento das mãos e dos dedos. A memorização dos diversos movimentos que o violinista tem de fazer com o arco e das várias dedilhações que tem de usar são igualmente importantes para uma prática sedimentada.

Por outro lado, a memória auditiva é fundamental para o músico. A capacidade de reter e lembrar melodias, frases musicais, intervalos, sons, timbres ajuda o aluno no seu estudo e na sua performance em geral. O mesmo acontece com a memória visual. Há alunos cuja memória visual é tão desenvolvida que

rapidamente conseguem memorizar a partitura e as várias indicações que nela se encontram.

No caso específico de um instrumento, a memória pode ser treinada através da repetição e da compreensão do conteúdo que está a ser estudado. Assim, a lembrança pode ser mecânica (cuja condição é a repetição) ou raciocinada (cuja condição é a compreensão). Quando perante a nossa memória surgem tarefas musicais complicadas é primordial usar estes dois tipos de lembranças, ou seja, primeiro raciocinar sobre o novo material e depois repeti-lo. Raciocinar significa compreender a essência e os meios propostos para a realização de algo. Isto pode fazer-se se a nova obra possui aspetos que o estudante já conhece e tem sistematizados (hábitos). Como é lógico, cada novo hábito deve desenvolver-se em base a um já obtido.

Na metodologia do ensino tal regra pode denominar-se consecução. Infelizmente, muitos professores não prestam atenção a este aspeto e saltam etapas ou dão obras que não correspondem à relação consecutiva que se deveria seguir. Nestes casos o material novo une-se ao anterior provocando que, no momento de tocar, haja uma rutura na cadeia de associações e o aluno “fique em branco”, começando a enganar-se ou a parar em determinado lugar da obra. Esta poderá ser uma das razões pelas quais muitos alunos, apesar de passarem muito tempo a estudar uma obra, não são capazes de tocá-la de memória ou se enganam constantemente. Para compreender a causa de uma lembrança deficiente é útil que o aluno compreenda a necessidade de se lembrar da obra, da melodia, da digitação, dos golpes de arco, das dinâmicas, etcétera.

Trabalhar a memorização é uma prática que acarreta muitos benefícios. Para além de aumentar a concentração, a autoconfiança e a atenção, permite desenvolver a sensibilidade e a liberdade de interpretação do aluno. Para finalizar, considero que para memorizar uma obra musical é primordial seguir três passos básicos: 1) conhecer a obra na íntegra; 2) trabalhar separadamente aspetos como melodia, digitação, golpes de arco, dinâmicas e fraseado; 3) repetir várias vezes o conjunto.

3.3- O ouvido musical e a sua importância para o violinista

O ouvido musical é a capacidade humana de perceber, representar e reproduzir o material musical, podendo ser desenvolvido em cada pessoa, embora algumas tenham uma maior sensibilidade nesse sentido do que outras.

Para Caspurro (2007), “não é de todo sustentável que a realização do músico possa ser concretizada, não importa a que nível, sem ouvir” (p.2). Por essa razão, quando as crianças ou jovens chegam à escola de música por primeira vez, o seu ouvido musical é posto à prova para se verificar se estão aptos para os estudos musicais, sendo esse o primeiro passo para o estudo formal da música.

O ouvido musical pode desenvolver-se segundo duas formas: o ouvido relativo e o ouvido absoluto. O primeiro é o mais comum e consiste, sobretudo, na capacidade de perceber e reproduzir a música com base num som ou afinação determinada, estando intimamente ligado ao treino musical. Já o ouvido absoluto resulta de uma predisposição genética que permite ao indivíduo reconhecer, instantaneamente e sem nenhuma referência, a afinação musical e o nome da nota que está a ser cantada ou tocada.

Independentemente do ouvido ser relativo ou absoluto, este deve ser desenvolvido não só na parte do solfejo e da formação musical. O professor de violino deve, entre as suas várias tarefas, realizar um trabalho constante e consciente para o desenvolvimento desta capacidade no seu aluno. O violino, assim como os restantes instrumentos de cordas requerem, mais do que qualquer outro instrumento, um bom ouvido musical já que nestes a afinação é um conceito completamente abstrato e depende muito da percepção e do ouvido musical do aluno ao procurar as notas ao longo da escala.

O aluno que começa os estudos sem conhecer o sítio específico do violino onde se situam as diferentes notas musicais deve aprender a encontrá-las através do tato e do ouvido. De igual modo, o desenvolvimento das mudanças de posição requerem uma boa percepção auditiva já que é essencial para a afinação e para que o aluno saiba a que nota vai e qual é o seu lugar.

Em todos estes casos, o ouvido musical tem um papel decisivo, sendo o seu trabalho e desenvolvimento de suma importância para o bom desempenho dos violinistas. Como aponta Aristóteles (apud Barenboim, 2009, p.31), “os ouvidos [são] os órgãos da instrução”.

4- Recursos Pedagógicos

4.1- A pesquisa

Um bom professor deve renovar e atualizar constantemente os seus conhecimentos. Day (2006) refere que “um espírito de investigação é a base de um bom ensino e é um aspeto-chave para conseguir manter e desenvolver o conhecimento profissional.” (p.156).

Com efeito, a pesquisa sobre diversos temas é uma ferramenta e um recurso essencial à atividade do profissional de ensino. Esta pode ser efetuada quer através do uso das novas tecnologias ou então com recurso a livros e outros documentos, tanto pessoais, como requisitados ou emprestados.

Ao longo da minha carreira profissional tenho recorrido em larga escala a este recurso, ora seja para procurar obter mais conhecimentos, ora para melhorar os que já possuo. Acredito que é uma boa ferramenta para aumentar os meus saberes, assim como a minha capacidade de entender com mais clareza a realidade envolvente.

Continuando no meu caso particular, apesar de ultimamente estar bastante recetivo às novas tecnologias, e de me tentar atualizar ao máximo através deste meio (sempre dentro das minhas capacidades e limitações), ainda aprecio bastante pesquisar através do suporte papel. Para este gosto tem contribuído o facto de que grande parte do meu material sobre música e temas relacionados está em livros ou documentos que fui adquirindo ao longo da carreira. De igual modo considero que estes se constituem uma fonte bem mais completa e fiável do que a Internet.

Ainda assim, enquanto professor, utilizo os recursos que tenho à disposição para elaborar diversas pesquisas específicas sobre novos métodos, novas filosofias, novos manuais, novas obras, novas compilações. Desta forma acredito-me mais capaz de elaborar reflexões mais completas e estruturadas acerca dos objetivos do meu trabalho e arranjar mais facilmente o material de estudo adequado para o perfil de cada aluno.

4.2- A reflexão

De entre os vários recursos pedagógicos aos quais o professor deve recorrer para desenvolver o seu trabalho docente, a reflexão é, a meu ver, um dos mais essenciais. Citando Roldão (2009, p.49),

“(...) o pleno exercício de uma profissão pressupõe a possibilidade, a necessidade e a capacidade de o profissional refletir sobre a função que desempenha, analisar as suas práticas à luz dos saberes que possui e como fontes de novos saberes, questionar-se e questionar a eficácia da ação que desenvolve (...)”.

Com efeito, o processo reflexivo é, sem sombra de dúvida, aquele que mais auxilia e guia o professor na sua função. Para Day (2004) este “é um meio essencial para a reexaminação e a renovação da paixão dos que se interessam pelo seu trabalho” (p.159). A reflexão permite operar um processo crítico sobre o nosso trabalho, as nossas ações, as nossas estratégias, os nossos resultados. Como aponta o mesmo autor (*idem*, p.167), “à medida que analisamos o nosso ensino, analisamos também as imagens que temos de nós próprios enquanto professores”.

Ensinar é uma tarefa que exige, inevitavelmente, que se recorra vezes sem conta à reflexão. Enquanto professor de instrumento este processo reflexivo ocorre com grande frequência, ora para analisar o meu trabalho, ora para analisar as características distintivas de todos os meus alunos. Dado o carácter individualizado das aulas de instrumento, a reflexão auxilia-me na análise das estratégias que devo utilizar com cada um dos meus alunos, sobre quais aspetos específicos devo incidir mais, de que forma poderei ajudar o aluno a superar certas dificuldades, etcétera.

Para mim, refletir é essencial para o meu autoconhecimento enquanto pessoa e professor e ao mesmo tempo é um desafio enriquecedor que me leva a recuar vezes sem conta para poder avançar com mais clareza e certezas na minha prática diária.

4.3- Recursos didáticos e utilização de novas tecnologias

Nos dias correm, os recursos didáticos que o professor tem à disposição são muitos e variados. Para além dos recursos tradicionais que acompanham o processo de ensino-aprendizagem há séculos, a proliferação das novas tecnologias assumem um papel cada vez mais ativo, relevante e praticamente imprescindível na emissão e receção de informação e conhecimentos.

Desde esse ponto de vista, e atendendo a que hoje em dia quase todos os alunos têm acesso às tecnologias da informação, é muito usual recomendar-lhes que, com recurso à Internet, procurem e ouçam gravações de instrumentistas conhecidos, de concertos de orquestras sinfónicas, que efetuem pesquisas sobre os compositores e as obras que estão a tocar, para citar alguns exemplos.

Estes recursos têm como finalidade complementar o interesse dos alunos pelo estudo do instrumento, bem como melhorar a análise crítica, a memória, a atenção, a postura corporal, a posição das mãos, a afinação, entre outros. Além disso, para além do que aprende na escola, o aluno por sua conta poderá aprender de maneira autodidata através da pesquisa de partituras, vídeos e técnicas, além de ter a possibilidade de aprender a trabalhar em programas de edição e produção de música e partituras.

Apesar de valorizar as inúmeras vantagens que as novas tecnologias têm trazido ao mundo atual tento, no entanto, incentivar os alunos a continuar a usar métodos mais tradicionais como a audição de CD's, a visualização de DVD's, a leitura de livros, a pesquisa em formato papel, entre outros.

5- Avaliação dos resultados

A avaliação, como aponta Fernandes (2008), “é uma questão essencialmente pedagógica, associada ao desenvolvimento pessoal, social e académico das pessoas” (p.79). Esta é parte indispensável do processo de ensino-aprendizagem e “decorre e acompanha, no tempo e nas lógicas, ao longo de, e em coerência com, o modo como se ensina” (Roldão, 2008, p. 47). A mesma autora define a avaliação como o “conjunto organizado de processos que visam

(1) o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo (2) a verificação da sua consecução” (*idem*,p.41).

Partindo deste pressuposto, avaliar o trabalho feito pelos alunos é uma preocupação cotidiana de qualquer professor. Qualquer processo de ensino-aprendizagem requer avaliação e momentos de aferição dos conhecimentos, conteúdos e matérias que são ensinados, assim como das capacidades, habilidades e dificuldades dos alunos. Além disso, a avaliação, como se pode ler em Fernandes (2008, pp.30 e 31),

- 1) Orienta os estudantes acerca dos saberes, capacidades e atitudes que têm de desenvolver;
- 2) Influencia a sua motivação e percepção do que é importante aprender;
- 3) Estrutura a forma como os alunos estudam e o tempo que dedicam ao trabalho académico;
- 4) Melhora e consolida as aprendizagens;
- 5) Promove os processos metacognitivos, o auto-controlo e a auto-regulação.

A meu ver, a avaliação não é só um instrumento para medir o desenvolvimento dos alunos mas, também, uma ferramenta estratégica para orientar a ação pedagógica do professor. Dentro das várias formas de praticar a avaliação, o *feedback* é um recurso importantíssimo. Como aponta Fernandes (2008), este é “indispensável para que a avaliação integre os processos de ensino e de aprendizagem e (...) para que [esta] assuma a sua natureza formativa” (p.84). O *feedback*, enquanto instrumento de avaliação, permite que haja um intercâmbio de percepções entre professor e aluno e vice-versa, ao mesmo tempo que desenvolve no aluno competências de auto-avaliação e regulação das suas aprendizagens.

Por outro lado, hoje em dia dá-se muito valor à chamada “avaliação-contínua” ou “sistemática”. Eu, pessoalmente, concordo em grande medida com

esta forma de avaliação. A meu ver, e atendendo às especificidades do ensino artístico, é bastante redutor apenas avaliar o aluno pelas provas finais (frequências, recitais, provas técnicas), sem ter em conta todo o processo e o trabalho desenvolvido com anterioridade. A performance musical requer horas de trabalho árduo e uma grande preparação física e mental, nesse sentido, a avaliação contínua permite que, caso o aluno não tenha tido a melhor prestação num momento importante de avaliação, o mesmo não seja totalmente penalizado uma vez que o professor tem consciência do trabalho contínuo do estudante e do que ele é capaz de fazer nas aulas. Sendo assim, a avaliação não deve apenas valorizar o resultado final, mas antes refletir todo um processo.

6- Aquisição de competências em diferentes âmbitos

A sociedade atual, mais do que qualquer outra, exige que o professor seja um profissional polivalente e competente em vários âmbitos (escolar, pedagógico, social, cultural, ético). Com as mudanças que se vêm operando a cada dia em vários domínios, e especialmente na educação, o professor é desafiado a adquirir inúmeras competências e a apresentar-se como um ser versátil, em constante atualização e aberto à mudança. Perante todas estas particularidades o professor de Instrumento não é uma exceção.

Perrenoud (2000) propõe dez competências profissionais para ensinar:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
2. Administrar a progressão das aprendizagens;
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;
4. Envolver os alunos nas suas aprendizagens e no seu trabalho;
5. Trabalhar em equipa;
6. Participar da administração da escola;
7. Informar e envolver os pais;
8. Utilizar novas tecnologias;

9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
10. Administrar a nossa própria formação continua.

Para operacionalizar estes aspetos o professor deve possuir/adquirir conhecimentos não só limitados ao saber específico do seu instrumento e da sua técnica, senão também dominar outras áreas do saber e possuir uma cultura geral abrangente; desenvolver o tato pedagógico para motivar, conquistar e ganhar o respeito e admiração dos seus alunos; promover o trabalho em equipa para reforçar as dimensões coletivas e colaborativas dentro da comunidade escolar; assumir um compromisso social ajudando os seus alunos a ultrapassar problemas e incentivando-os à sua comunicação e participação no espaço público e, finalmente, desenvolver uma cultura profissional através da partilha, da integração, da reflexão e da avaliação.

Ser professor é uma profissão inacabada na medida em que as competências pessoais e profissionais não se adquirem a partir de um modelo existente ou preconcebido mas antes como resultado de uma intervenção aberta e reflexiva. Como aponta Nóvoa (2009) no seu artigo *“Para uma formação de professores construída dentro da profissão”*,

“(…) é na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registo das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão” (p.3).

Conclusão

O caminho percorrido ao longo da realização deste relatório ajudou-me a visitar a ideia de que o processo reflexivo é, sem dúvida, uma das ferramentas mais importantes para o crescimento enquanto professor e enquanto ser-humano. Apesar das horas dispensadas e das dificuldades encontradas durante a realização do mesmo, considero que este processo foi extremamente positivo e enriquecedor. E, se algo contribui para nos tornar melhores e nos superarmos, então esse algo deve ser encarado como um processo necessário.

Tal como foquei na introdução, ser-se professor é das profissões mais completas e complexas, e foi nesta linha de pensamento que fiz este trabalho. Visto que na prática sou uma pessoa clara e pouco dada a rodeios ou divagações, tentei também ser claro e objetivo neste relatório. Não pondo de parte o lado estético, para mim o mais importante será sempre o conteúdo.

Pouco mais posso acrescentar nesta conclusão pois penso que o trabalho fala por si, pelo menos no que diz respeito às minhas práticas, experiências e opiniões. Cabe-me, no entanto, referir que esta foi das primeiras vezes que elaborei um processo reflexivo tão profundo e abrangente, não que todas as questões aqui abordadas já não tenham sido alvo de inúmeras reflexões mas sim porque passar para o papel tudo aquilo que nos vai na mente nem sempre se constitui tarefa fácil.

Saliento, por último, que as palavras por si só valem pouco. Faço sempre o possível por fazer na vida real o que descrevo em palavras. Na minha perspetiva, se todos nós pelo menos tentássemos isto, não seria o ensino, as relações, o ambiente, a vida...muito mais fácil?

Bibliografia

Almeida, C. (2012). *Alunos com perturbação de hiperatividade e défice de atenção: Intervenção Educativa*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Escola Superior de Educação “Almeida Garret”. Lisboa.

Barenboim, D. (2009). *Está tudo ligado – O poder da música*. Lisboa: Editorial Bizâncio.

Carreras, O. (1985). *Apuntes sobre el arte violinístico*. La Habana: Editorial Letras Cubanas.

Caspurro, H. (2007). *Audição e audição. O contributo epistemológico de Edwin Gordon para a história da pedagogia da escuta*. In Revista da APEM: Revista da Associação Portuguesa de Educação Musical, 127. Disponível em: http://www.mulheravestruz.pt/downloads/DocenciaInvestigacao/Audicao_e_audiacao-APEM.pdf. Consultado em: 13/10/14.

Davidson, J. W., Moore, D. G., Sloboda, J. A. & Howe, M. J. (1998). *Characteristics of music teachers and the progress of young instrumentalists*. Journal of Research in Music Education, 46 (1), 141-160.

Day, Ch. (2006). *A paixão pelo ensino*. Porto: Porto Editora.

Equipa Internacional de Países Participantes do Programa PETRA II, Acção II (1995). *O Professor Aprendiz - criar o futuro*. Porto: DES.

Fernandes, D., Ramos, de Ó., J., Ferreira, M.B., Marto, A., Paz, A. & Travassos, A. (2007). *Relatório Final Revisto: Estudo de Avaliação do Ensino Artístico*. Ministério da Educação.

Fernandes, D. (2008). *Avaliação das Aprendizagens: Desafios às Teorias, Práticas e Políticas*. Lisboa: Texto Editores.

Galamian, I. (1998). *Interpretación y Enseñanza del Violín*. Madrid: Ediciones Pirámide S.A.

Giró, R. (1986). *La Enseñanza Artística en Cuba*. La Habana: Editorial Letras Cubanas.

Hallam, S. (1998). *Instrumental Teaching: A practical Guide to better Teaching and Learning*. Oxford: Heinemann.

Harder, R. (2008). *Algumas considerações a respeito do ensino de instrumento: Trajetória e realidade*. Opus, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 127-142, jun. 2008. Disponível em: http://www.anppom.com.br/opus/data/issues/archive/14.1/files/OPUS_14_1_Harder.pdf. Consultado em: 10/10/2014.

Lemos, M. S. (2005). *Motivação*. In G. Miranda & S. Bahia, (Orgs.) *Psicologia da educação: Temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

Nóvoa, A. (2009). *Para uma formação de professores construída dentro da profissão*. Disponível em: www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350_09por.pdf. Consultado em: 10/10/14.

Perrenoud, Ph. (2000). *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Pinto, A. C. (2001). *Memória, cognição e educação: Implicações mútuas*. In B. Detry e F. Simas (Eds.), *Educação, cognição e desenvolvimento: Textos de psicologia educacional para a formação de professores*. (pp. 17-54). Lisboa: Edinova. Disponível em: http://www.fpce.up.pt/docentes/acpinto/artigos/16_memoria_e_educacao.pdf. Consultado em: 4/12/14.

Roldão, M. C. (2008). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências – As questões dos professores*, 5.^a Edição. Lisboa: Editorial Presença.

Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de Ensino. O saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Sloboda, J., Davidson, J., Howe M. & Moore D. (1996). *The role of practice in the development of performing musicians*. British Journal of Psychology nº 87, pp. 287-309.

Sprinthall, A. & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.

Suzuki, S. (1981). *Ability development from age zero*. U.S.A: Summy-Birchard Inc.

Tanaka, P. (2007). *Atenção: reflexão sobre tipologias, desenvolvimento e seus estados patológicos sob o olhar psicopedagógico*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v16n13/v16n13a04.pdf>. Consultado em: 4/12/14.

Volpi, J.H. (2004). *Particularidades sobre o temperamento, a personalidade e o caráter, segundo a psicologia corporal*. Curitiba: Centro Reichiano. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Consultado em: 04/11/14.

Wickes, L. (1982). *The genius of simplicity*. USA: Summy-Birchard Inc.

Winner, E. *Crianças Superdotadas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Zagalo, L. (s.d.). *Fatores geográficos que explicam a construção de uma carreira musical na área da composição – Análise de cinco estudos de caso*. Dissertação de Mestrado em Ciência Musicais. Universidade Nova de Lisboa.

Websites

Academia de Música de Viana do Castelo

<http://www.amv.pt/content.asp?startAt=2&categoryID=57&newsID=182>

Conservatório de Música “Esteban Salas”

http://www.ecured.cu/index.php/Conservatorio_Esteban_Salas

Escola Profissional de Música de Viana do Castelo

<http://www.fam.pt/gca/?id=31>

Escola Vocacional de Arte

http://www.ecured.cu/index.php/Centro_Nacional_de_Escuelas_de_Arte

Documentos legislativos

Decreto Lei nº 310/83, de 1 de Julho

Decreto Lei nº 26/89, de 21 de Janeiro

Decreto Lei nº 344/90, de 2 de Novembro

Decreto Lei nº 70/93, de 10 de março

Decreto Lei nº 4/98, de 8 de Janeiro

Decreto Regulamentar nº 10/99, de 21 de Julho

Portaria nº 691/2009, de 25 de Junho

Declaração de retificação nº 59/2009, de 7 de Agosto

Portaria nº 225/2012, de 30 de julho

Portaria nº 243-B/2012, de 30 de Agosto

Declaração de Retificação nº 55/2012, de 28 de Setembro

Declaração de Retificação nº 58/2012, de 12 de Outubro

Portaria nº 419-B/2012, de 20 de Dezembro

Anexos

Anexo I – Certificados de formações efetuadas

 **adereminho**
associação para o desenvolvimento regional do minho

 **DGERT**
DIRECÇÃO GERAL DO EMPREGO E DAS QUALIFICAÇÕES DE TERCEIRO

CERTIFICADO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

(Decreto Regulamentar nº 35/2002)

ADERE-MINHO - Associação para o Desenvolvimento Regional do Minho, com sede no Lugar da Cruz - Soutelo, 4730-577 Vila Verde, NIF 502449063, representado por Augusto José Rodrigues Pereira, na qualidade de Vice-Presidente da Direcção.

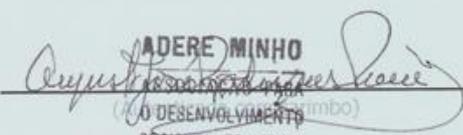
Certifica que: Armando García González natural de Cuba
nascido a 28-07-1965, de nacionalidade Portuguesa, sexo Masculino,
portador do Bilhete de Identidade ou Cartão do Cidadão n.º 15626963-5ZZ3, emitido em
---, pelo arquivo de identificação de ---, NIF 220353417.
Concluiu, com aproveitamento, em 16-06-2012, o curso de Formação Profissional:

Trabalho em Equipa

que decorreu de 02-06-2012 a 16-06-2012 com a duração total de 25 horas,
tendo obtido a classificação final de **Muito Bom**, numa escala de Muito Insuficiente a Muito Bom.

Vila Verde, 30 de Junho de 2012

O Vice-Presidente da Direcção,


ADERE MINHO
ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO MINHO

Certificado n.º 3664 /12/ADERE

Nota: Certificado (número sequencial / ano / abreviatura de ADERE-Minho)

Entidade Promotora	Projecto	Curso financiado por
 CCP CONFEDERAÇÃO DO COMÉRCIO E SERVIÇOS PORTUGAL	 Dinamizar	 PO PH PROGRAMA OPERACIONAL DE INTERVENÇÃO EM MATERIA DE EMPREGO

 **QREN** QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL
  **LANÇO EUROPEIA**
Fund. Social Europeia

13.1º Certificado - Formando - 17.2



adereminho
associação para o
desenvolvimento regional
do minho



CERTIFICADO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

(Decreto Regulamentar nº 35/2002)

ADERE-MINHO - Associação para o Desenvolvimento Regional do Minho, com sede no Lugar da Cruz - Soutelo, 4730-577 Vila Verde, NIF 502449063, representado por Augusto José Rodrigues Pereira, na qualidade de Vice-Presidente da Direcção.

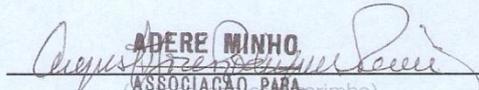
Certifica que: Armando García González natural de Cuba nascido a 28-07-1965, de nacionalidade ---, sexo Masculino, portador do Bilhete de Identidade ou Cartão do Cidadão n.º 15626963, emitido em ---, pelo arquivo de identificação de ---, NIF 220353417. Concluiu, com aproveitamento, em 16-07-2012, o curso de Formação Profissional:

Ferramentas da Microsoft Office© - Excel™ (BASE)

que decorreu de 12-07-2012 a 16-07-2012 com a duração total de 12 horas, tendo obtido a classificação final de **Bom**, numa escala de Muito Insuficiente a Muito Bom.

Vila Verde, 31 de Julho de 2012

O Vice-Presidente da Direcção,


ADERE MINHO
ASSOCIAÇÃO PARA
O DESENVOLVIMENTO
REGIONAL DO MINHO

Certificado n.º **3766** /12/ADERE

Nota: Certificado (número sequencial / ano / abreviatura da ADERE-Minho)

Entidade Promotora



Projecto



Curso financiado por



13.1º Certificado - Formação - 1 / 2



adereminho
associação para o
desenvolvimento regional
do minho



CERTIFICADO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

(Decreto Regulamentar nº 35/2002)

ADERE-MINHO - Associação para o Desenvolvimento Regional do Minho, com sede no Lugar da Cruz - Soutelo, 4730-577 Vila Verde, NIF 502449063, representado por Augusto José Rodrigues Pereira, na qualidade de Vice-Presidente da Direcção.

Certifica que: Armando García González natural de Cuba nascido a 28-07-1965, de nacionalidade Portuguesa, sexo Masculino, portador do Bilhete de Identidade ou Cartão do Cidadão n.º 15626963-5ZZ3, emitido em ---, pelo arquivo de identificação de ---, NIF 220353417. Concluiu, com aproveitamento, em 19-07-2012, o curso de Formação Profissional:

Ferramentas da Microsoft Office© - Word™ (AVANÇADO)

que decorreu de 17-07-2012 a 19-07-2012 com a duração total de 12 horas, tendo obtido a classificação final de **Muito Bom**, numa escala de Muito Insuficiente a Muito Bom.

Vila Verde, 31 de Julho de 2012

O Vice-Presidente da Direcção,

ADERE MINHO
ASSOCIAÇÃO PARA
O DESENVOLVIMENTO
REGIONAL DO MINHO

Certificado n.º **3809** /12/ADERE

Nota: Certificado (número sequencial / ano / abreviatura da ADERE-Minho)

Entidade Promotora



Projecto



Curso financiado por



13.1 - Certificado - Formando - 1 / 2

Armando García González



adere**minho**

ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO MINHO



CERTIFICADO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

(Decreto Regulamentar nº 35/2002)

ADERE-MINHO - Associação para o Desenvolvimento Regional do Minho, com sede no Lugar da Cruz - Soutelo, 4730-577 Vila Verde, NIF 502449063, representado por Augusto José Rodrigues Pereira, na qualidade de Vice-Presidente da Direcção.

Certifica que: Armando Garcia Gonzalez natural de Cuba
nascido a 28-07-1965, de nacionalidade Portuguesa, sexo Masculino,
portador do Bilhete de Identidade ou Cartão do Cidadão n.º 15626963-5ZZ3, emitido em
---, pelo arquivo de identificação de ---, NIF 220353417.
Concluiu, com aproveitamento, em 29-09-2012, o curso de Formação Profissional:

Qualidade - Introdução

que decorreu de 21-09-2012 a 29-09-2012 com a duração total de 12 horas,
tendo obtido a classificação final de **Bom**, numa escala de Muito Insuficiente a Muito Bom.

Vila Verde, 30 de Setembro de 2012

O Vice-Presidente da Direcção,

ADERE MINHO
ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO MINHO

Certificado n.º 4241 /12/ADERE

Nota: Certificado (número sequência / ano / abreviatura da ADERE-Minho)

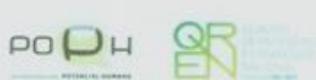
Entidade Promotora



Projecto



Curso financiado por





adereminho
associação para o
desenvolvimento regional
do minho



CERTIFICADO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

(Decreto Regulamentar nº 35/2002)

ADERE-MINHO - Associação para o Desenvolvimento Regional do Minho, com sede no Lugar da Cruz - Soutelo, 4730-577 Vila Verde, NIF 502449063, representado por Augusto José Rodrigues Pereira, na qualidade de Vice-Presidente da Direcção.

Certifica que: Armando Garcia Gonzalez natural de Cuba
nascido a 28-07-1965, de nacionalidade Portuguesa, sexo Masculino,
portador do Bilhete de Identidade ou Cartão do Cidadão n.º 15626963-5ZZ3, emitido em
---, pelo arquivo de identificação de ---, NIF 220353417.
Concluiu, com aproveitamento, em 01-09-2012, o curso de Formação Profissional:

Resiliência - Vencer a adversidade

que decorreu de 01-09-2012 a 01-09-2012 com a duração total de 8 horas,
tendo obtido a classificação final de **Muito Bom**, numa escala de Muito Insuficiente a Muito Bom.

Vila Verde, 1 de Setembro de 2012

O Vice-Presidente da Direcção,

ADERE MINHO
ASSOCIAÇÃO PARA O
DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO MINHO
Augusto José Rodrigues Pereira
(autenticada com o selo)

Certificado n.º **4.171** /12/ADERE

Nota: Certificado (número sequencial / ano / abreviatura da ADERE-Minho)

Entidade Promotora



Projecto



Curso financiado por



13.1 - Certificado - Formação - 1 / 2





Fundação Átrio da Música | Escola Profissional de Música de Viana do Castelo

CERTIFICADO

Atribuído a Armando Garcia Gonzalez

Curso de Direção de Orquestra

Pela participação no

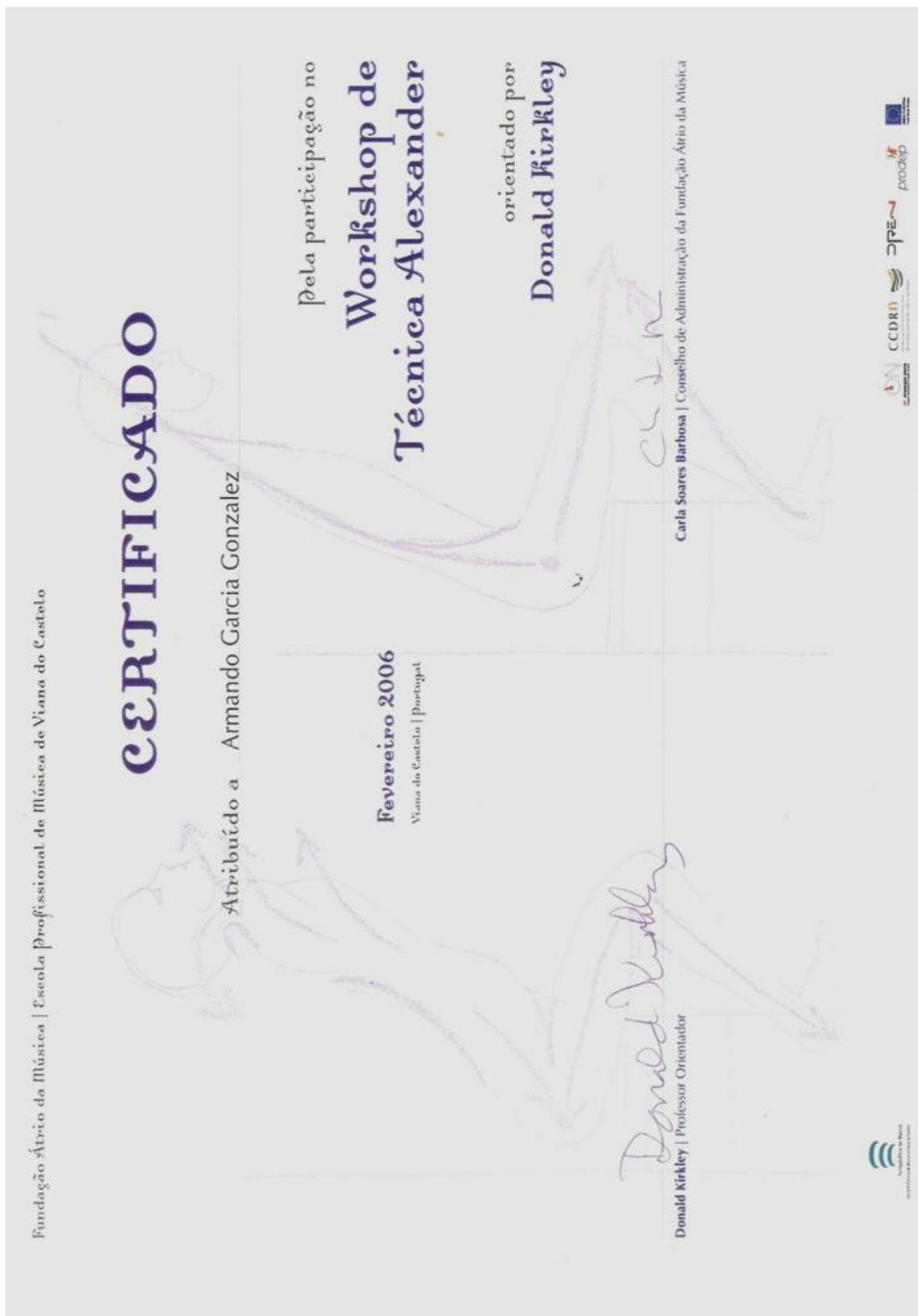
orientado por
Ernst Schelle

Janeiro 2006
Viana do Castelo | Portugal


Ernst Schelle | Professor Orientador


Carla Soares Barbosa | Conselho de Administração da Fundação Átrio da Música





Fundação Afrio da Música | Escola Profissional de Música de Viana do Castelo

CERTIFICADO

Atribuído a **Armando Garcia Gonzalez**

Margo 2006
Viana do Castelo | Portugal

Pela participação no
**Curso de Interpretação
de Música do Século XVIII**

orientado por
Richard Gwilt

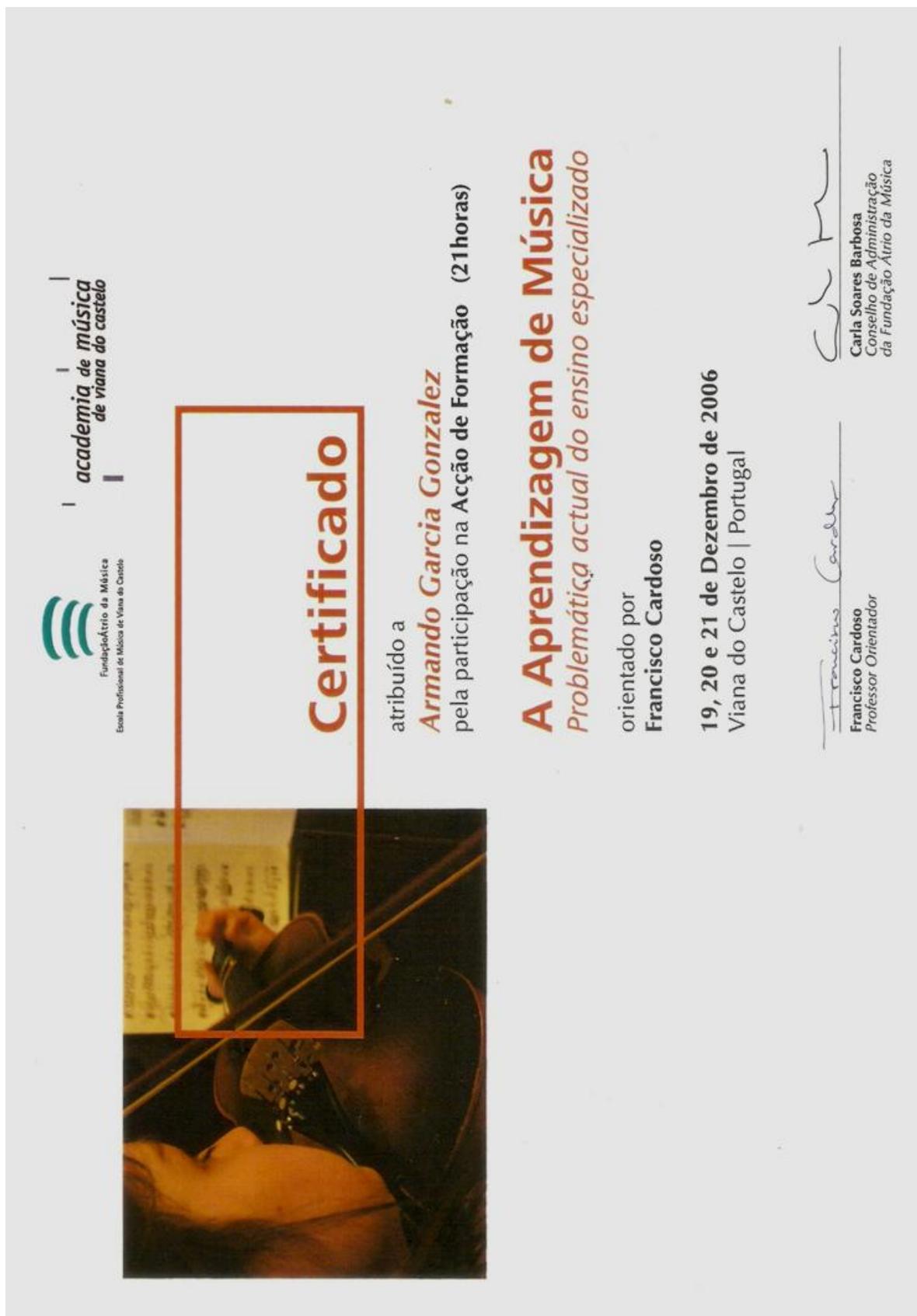

Richard Gwilt | Professor Orientador


Carla Soares Barbosa | Conselho de Administração da Fundação Afrio da Música




Fundação Afrio da Música
Escola Profissional de Música de Viana do Castelo


CCDRN | CREN | prodesp





I.D.T.

Instituto da Droga e da Toxicodpendência, I.P.

CERTIFICADO DE FREQUÊNCIA DE FORMAÇÃO

(Dec. Reg. N.º 35 / 2002 de 23 Abril)

IDT, I.P. – Instituto da Droga e da Toxicodpendência, I.P.

Praça de Alvalade, N.º 7 – 5.º ao 13.º andar

1700 – 036 Lisboa

NIPC: 506452654

Unidade Formadora Acreditada pela Administração Central do Sistema de Saúde, I.P.

Processo N.º 094/25-09-2002, nos termos da Portaria N.º 782 / 97, de 29 de Agosto

Certifica-se que, **Armando Garcia Gonzalez**, natural de Cuba, nascido a **23/10/1976**, nacionalidade **Cubana**, sexo **Masculino**, portador do **Bilhete de Identidade** n.º **15626963**, emitido pelo **Arquivo de Identificação de Viana do Castelo**, em **04/04/2008**, frequentou no dia **15 de Julho de 2008**, com a duração total de **6 Horas**, a Acção de Formação:

DROGAS, CULTURAS E MODALIDADES DE INTERVENÇÃO

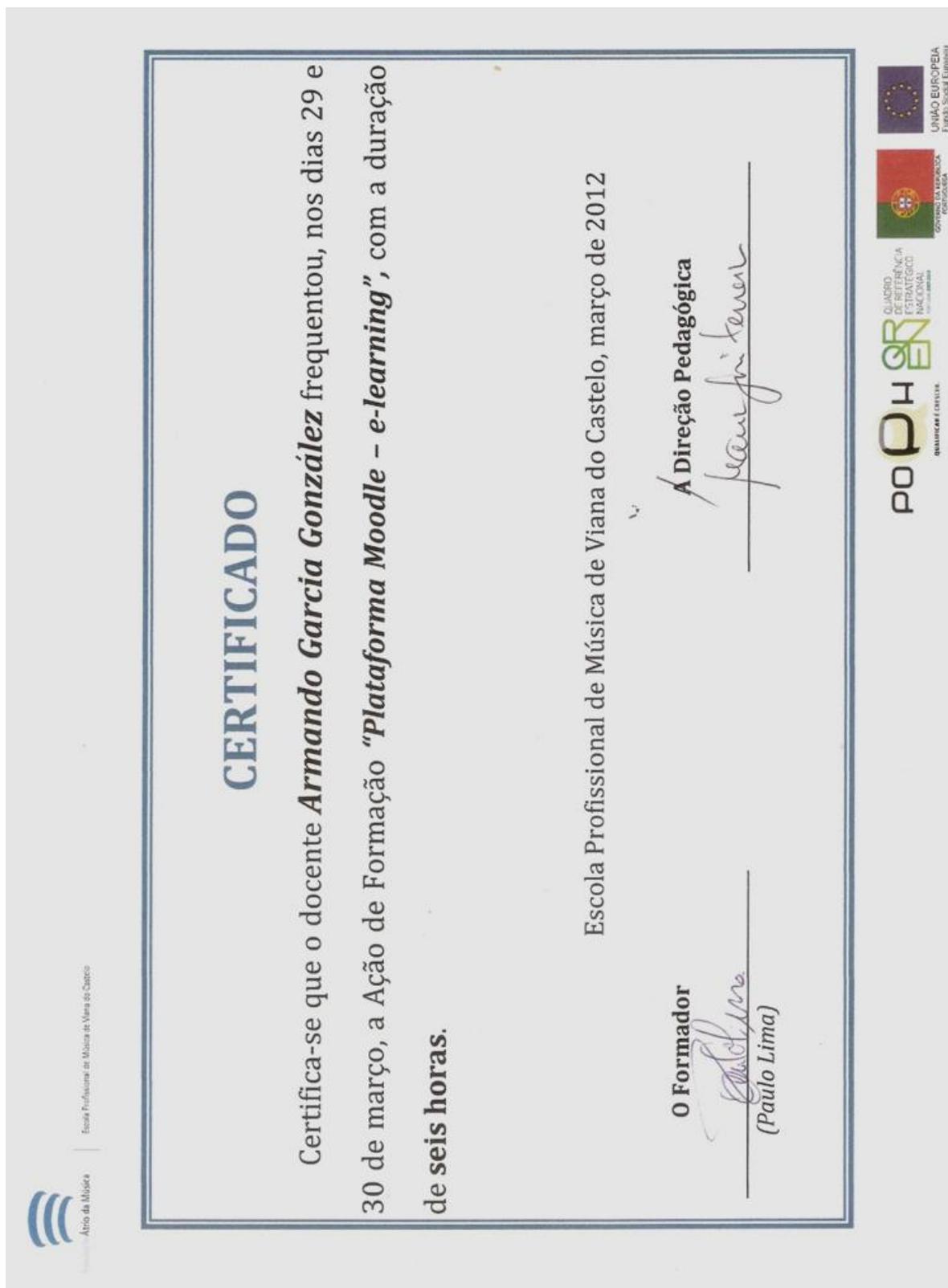
organizada e promovida pelo Instituto da Droga e da Toxicodpendência, I.P.

Porto, 29 de Dezembro de 2008

O Delegado Regional do Norte do IDT, I.P.

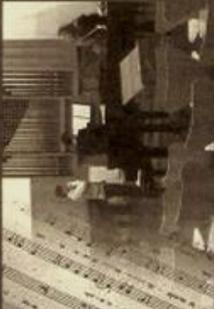

Dr. Adelino Vale Ferreira

Certificado N.º 022 / 2008 / IDT I.P. / DRN



 **CATÓLICA PORTO**
ESCOLA DAS ARTES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

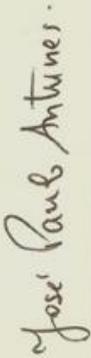
2^{as} Jornadas de Pedagogia no
Ensino Artístico
Especializado da
Música



Certificado

Certifica-se que Armando Garcia González participou, nas “2^{as} Jornadas de Pedagogia no Ensino Artístico Especializado da Música”, organização conjunta da Escola das Artes e da Faculdade de Educação e Psicologia da Católica Porto, no dia 30 de novembro de 2012.


Prof. Doutor José Matias Alves
Coordenação Científica do Mestrado (FEP)


Prof. Doutor Paulo Antunes
Coordenação Científica do Mestrado (EA)

Anexo II – Programas de Concertos e Audições desenvolvidos na Academia de Música e na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo

*escola profissional
de música de
viana do castelo*



*orquestra
sinfónica
epmuc*

CONCERTO INTEGRADO NO PROJECTO
"NITERÓI - ENCONTRO COM PORTUGAL"
CELEBRAÇÃO DOS 500 ANOS
DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

15 DE ABRIL DE 1998, 20 h.
TEATRO MUNICIPAL DE NITERÓI
DIRECÇÃO Maestro Leonardo de Barros

17 DE ABRIL DE 1998, 21 h.
TEATRO MUNICIPAL DE NITERÓI
DIRECÇÃO Maestro Miguel del Castillo

19 DE ABRIL DE 1998, 10,30 h.
CINE ARTE UFF
DIRECÇÃO Maestro Leonardo de Barros

*Orquestra Sinfónica
epmuc*

I Violinos

Beatriz Barbosa
Susana Araújo
José Pereira
Nuno Silva
Ana Sanmarfull

Prof. Armando Gonzalez

Oboés

Fernanda Amorim
Paulo Areias

Clarinetes

Márcio Pereira
Gil Araújo

II Violinos

Helena Duarte
Alexandra Trigueiro
Ângela Anacleto
Sónia Correia

Fagotes

Sara Costa
Paulo Mota

Trompas

Fátima Gomes
Nuno Lima

Violetas

Jano Lisboa
Lúcia Lima
Carina Rocha

Trompetes

Filipe Esteves
João Pedro Alves

Violoncelos

Ana Vanessa Pires
Marco Pereira
Melanie Paula
Luís Carvalhoso

Piano

Prof. Angel Casado

Percussão

Luís Carvalhoso
Rui Fernandes
Isac Rego

Contrabaixos

Claudia Rodet
Henrique Barbosa

Flautas

Carlos Jacques Maciel
Sílvia Cancela

ACADEMIA DE MÚSICA DE VIANA DO CASTELO

AUDIÇÃO DE CLASSE

VIOLINO

Prof. Armando Gonzalez

Quarta-Feira, 25 de Março de 1998, 21h00
Auditório I AMVC



ESCOLA PROFISSIONAL DE MÚSICA
DE VIANA DO CASTELO

RECITAL

CLASSE DE
CONJUNTO DE CORDAS EPMVC

Direcção - Armando Gonzalez

Integrado nas comemorações
do Dia Mundial da Música / Festas das Artes Outubro de 2000
"Músicas para o Milénio em Viana do Castelo"

Quarta-feira, 4 de Outubro de 2000 (10.15 Horas)

Arcos dos Paços do Concelho - Praça da República
Viana do Castelo

Fundação Átrio da Música
Escola Profissional de Música de Viana do Castelo

Audição de Natal

das Classes de Conjunto
do Curso Básico de Instrumento



Classes dos Professores:
Armando Gonzalez
José Borges
Javier Viceiro

13 de Dezembro 2001 > 21h30

Teatro Municipal Sá de Miranda
Viana do Castelo

Escola Profissional de Música de Viana do Castelo

concerto
académico



Classe de Conjunto de Sopros
Classe de Conjunto de Cordas do 2º ano CBI
Orquestra Júnior EPMVC

Classes dos Professores

José Borges

Armando Gonzalez

Javier Viceiro

04 Julho 02 _ 21h30

Teatro Municipal Sá de Miranda
Viana do Castelo



Fundação Atrio da Música
Escola Profissional de Música de Vila do Castelo



ALUNOS DO 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

CONCERTOS DIDÁCTICOS 2008

15 DE ABRIL
ESCOLA EB 2.3 DE ARCOS DE VALDEVEZ_ 10H15

17 DE ABRIL
ESCOLA EB 2.3 FREI CAETANO BRANDÃO_10H45
ESCOLA EB 1.2.3 DE FRAGOSO_15H00



PROGRAMA	
J. S. BACH	Concerto Brandeburgués n.º 1 <i>Moderato</i>
G. FLECHER	Pizzi – Taco
G. FLECHER	El Mango Tango
ANÓNIMO	Rapsódia Crioula <i>Note de Mindelo</i> <i>Sociedade</i>
ANÓNIMO	Salsa Cubana <small>arr. Armando Gonzalez</small>
	CLASSE DE CONJUNTO DE CORDAS DO 2º ANO CBI <i>Direcção Armando González</i>
TRADICIONAL	Kalimbas – Improvisação sobre tema de Moçambique
E. SÉJOURNÉ	Viagem
G. BROPHY	Trash
E. SÉJOURNÉ	Marimba
	GRUPO DE PERCUSSÃO EPMVC

academia de música
de viana do castelo
conservatório regional do norte de Portugal



2ª Edição

AUDIÇÃO
Encerramento de Estágio de Cordas,
Flautas e Guitarras

5 de Julho de 2010
19h00

Teatro Municipal Sá de Miranda
Viana do Castelo

P. Staak	Ensemble de Guitarras C	The Parade Lazy Afternoon Introduction au Tango Stairway to Heaven Suite for Guitar Quartet 3. Sarabande Yesterday
O. Bensa		
L. Zepellin		
G. Bilberian		
Beatles		
G. P. Telemann	Ensemble de Guitarras B	Concerto em Ré I. Adágio II. Allegro III. Largo IV. Allegro Suiete inglesa nº 5 1. Greensleeves 2. Lady Maisry 3. The Scolding Wife Concerto em Sol
J. Duarte		
A. Vivaldi	Ensemble de Guitarras A	Allegro Parkway Village Dance Zoo Falk (A malta do Zoo) 1. Monkey Stuff (Macacadas) 2. Hoppy Hippo (O hipopótamo saltitão) 3. Flighty birds (Os pássaros caprichosos) 4. The swinging orangutan (O orangutango balouçante) Mexican Serenade The Boogie-Man Blues
R.S. Frost		
J.P. Rameau (arr: Philip Gordon)		
N. Ward		
M. J. Isaac		
C. L. Gruselle		
		Orquestra de Cordas Juvenil do Minho-Lima Armando González <i>direcção</i>



AUDIÇÕES

9 JULHO | 2010

18h30

PRÁTICA DE CONJUNTO DE SOPROS DO
1º ANO CBI

PRÁTICA DE CONJUNTO DE CORDAS
DO 2º ANO CBI

Classes dos Professores
Mário Bezerra
Armando González

Entrega de Prémios do Concurso de Textos

AUDITÓRIO FAM
VIANA DO CASTELO

Espectáculo para maiores de 5 anos.

JUNHO 2012

29 19h30

AUDITÓRIO FAM
VIANA DO CASTELO



AUDIÇÃO

QUARTETO DE MADEIRAS EPMVC PRÁTICA DE CONJUNTO DE CORDAS DO 2º ANO CBI

Classes dos Professores
Sílvia Cancela
Armando González

PROGRAMA

L. Schwartz

Final de tarde nas Estepes do Turquestão

G. Allier (1863-1924)

Cena Campestre

Quarteto de Madeiras EPMVC

Joana Silva, flauta
Daniel Amaro, clarinete
David Cadilha, clarinete
Bárbara Barros, fagote

Entrega de Prémios do Concurso de Textos 2012

G. F. Handel (1685-1759)

Suite n.º2 da Música Aquática
Pomposo
Moderato

J. S. Bach (1685-1750)

arr. V. Leidig
Concerto Brandeburguês n.º1

F. Schubert (1797-1828)

Valsa
Minueto
Galope

G. Fletcher (1936 - 1996)

El Mango Tango

Prática de Conjunto de Cordas 2º Ano CBI
Armando González, direção

ESCOLA PROFISSIONAL DE MÚSICA DE VIANA DO CASTELO

A Escola Profissional de Música de Viana do Castelo foi criada em 1992 e teve como entidades promotoras a Academia de Música de Viana do Castelo (conservatório regional) e a Câmara Municipal de Viana do Castelo. Desde 2002 a Fundação Átrio da Música (FAM) é a entidade proprietária da EPMVC. Nesta Escola são ministrados, do 7º ao 12º ano de escolaridade, todos os cursos de especialização instrumental que constituem a orquestra sinfónica e a sua população escolar é de 140 jovens provenientes, na sua maioria, do Distrito de Viana do Castelo, mas também de outras regiões do Norte e Centro do país.

Funcionam na EPMVC várias classes de conjunto, de sopros e de cordas, nas quais participam os alunos do Curso Básico de Instrumento. Procura-se com estas atividades que os alunos, desde cedo, se familiarizem com a execução em conjunto, treino fundamental na formação, tanto em termos de performances técnicas e artísticas como em termos de personalidade individual e social, aspetos fundamentais da educação para a cidadania.

PRÁTICA DE CONJUNTO DE CORDAS 2º CBI

Violinos I

Ana Sofia Santos
Luís Oliveira
Miguel Silva

Violinos II

Margarida Souto
Stefany Amorim
Lucas Arantes

Violas d'arco

Pedro Alves
Pedro Oliveira
José Silva

Violoncelos

Louis Wilkinson
Ana Silva
Raúl Forte

Contrabaixos

Daniel Alves
Julia Miranda



www.fam.pt



Audição de Violino



Classe do professor:

Armando González

16 de Novembro de 2012

9h30

Auditório FAM



JANEIRO 2013

30 21h30

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA VIANA DO CASTELO

Audição de Classes de Conjunto

Classe de Conjunto de Guitarras - 8º e 9º ano CBM
Tiago Machado *direção*

Classe de Conjunto de Cordas - 8º e 9º ano CBM
Armando Gonzalez *direção*

Classe de Conjunto de Sopros - 8º e 9º ano CBM
Classe de Conjunto Vocal - 8º e 9º ano CBM
Paulo Areias *direção*

ACADEMIA DE MÚSICA DE VIANA DO CASTELO

A Academia de Música de Viana do Castelo - *conservatório regional do alto-minho*, criada em 1977, é uma associação com autonomia pedagógica dedicada ao ensino artístico especializado da música, que ministra os Cursos de Iniciação Musical, Básico e Secundário de Música.

Considerada "pessoa coletiva de utilidade pública" tem vindo a desenvolver, paralelamente à formação, uma notória atividade de divulgação musical, com a realização sistemática de eventos de música erudita, sendo também responsável pela dinamização de projetos pioneiros, diretamente ligados à música contemporânea, nas vertentes da criação e da interpretação, e à criação de públicos infantil e juvenil. O Projeto de investigação "Alto-Minho 2000 Património Musical" representa um outro domínio da ação desta instituição, refletindo a importância dada à cultura Portuguesa e à tradição/inovação. Ao longo da sua existência, tem recebido o apoio incondicional da Santa Casa da Misericórdia desta cidade e da Câmara Municipal de Viana do Castelo, bem como do Ministério da Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2002 recebeu o Prémio Instituição de Mérito atribuído pela Câmara Municipal. Em Julho de 2010 foi galardoada com o prestigiado Prémio Gulbenkian Educação.

Funcionam na AMVC várias classes de conjunto, nas quais participam os alunos do Curso Básico e Secundário. Procura-se com estas atividades que os alunos, desde cedo, se familiarizem com a execução em conjunto, treino fundamental na formação, tanto em termos de performances técnicas e artísticas, como em termos da personalidade individual e social, aspetos fundamentais da educação para a cidadania.

PROGRAMA

M. Praetorius (1571-1621)
Tänze für vier Gitarren
Bransle de La Roine
Ballet

P. McCartney (n. 1942)
Arr. F. Gomes
Let it be

Popular Alemã
Drunten im unterland

Classe de Conjunto de Guitarras - 8º e 9º anos CBM
Tiago Machado *direção*

A. Ponchielli (1834-1886)
arr. V. Leidig
Dance of The Hours

W. Homfeldt (1871-1907)
Lullaboy

P. Fletcher (1936-1996)
A dança em pizzicato

S. Quagenti (1907-1981)
Festa Mexicana

L. Delibes (1836-1891)
arr. M.J. Isaac
Pizzicati

F. Kuchler (1867-1937)
Allegro

Classe de Conjunto de Cordas, 8º e 9º ano - CBM
Armando González *direção*

J. Ph. Sousa (1854-1932)
Washington Post March

P. Grainger (1882-1961)
Irish Tune from Country Derry

L. V. Beethoven (1770-1827)
Choral Symphonie, Ode to Joy

J. Strauss II (1825-1899)
Waltzes

J. Strauss I (1804-1849)
Radetsky March

Classe de Conjunto de Sopros - 8º e 9º ano do CBM
Classe de Conjunto Vocal - 8º e 9º ano do CBM
Paulo Areias *direção*

MARÇO 2013

13 18h45

AUDITÓRIO FAM
VIANA DO CASTELO

AUDIÇÃO

PRÁTICAS DE CONJUNTO DE
SOPROS E DE CORDAS
DO 1º ANO CBI

Classes dos Professores
Mário Bezerra
Armando González

ESCOLA PROFISSIONAL DE MÚSICA DE VIANA DO CASTELO

A Escola Profissional de Música de Viana do Castelo foi criada em 1992 e teve como entidades promotoras a Academia de Música de Viana do Castelo (conservatório regional) e a Câmara Municipal de Viana do Castelo. Desde 2002 a Fundação Átrio da Música (FAM) é a entidade proprietária da EPMVC. Nesta Escola são ministrados, do 7º ao 12º ano de escolaridade, todos os cursos de especialização instrumental que constituem a orquestra sinfónica e a sua população escolar é de 140 jovens provenientes, na sua maioria, do Distrito de Viana do Castelo, mas também de outras regiões do Norte e Centro do país.

Funcionam na EPMVC várias classes de conjunto, de sopros e de cordas, nas quais participam os alunos do Curso Básico de Instrumento. Procura-se com estas atividades que os alunos, desde cedo, se familiarizem com a execução em conjunto, treino fundamental na formação, tanto em termos de performances técnicas e artísticas como em termos de personalidade individual e social, aspetos fundamentais da educação para a cidadania.



Fundação Átrio da Música
Escola Profissional de Música de Viana do Castelo

PROGRAMA

A. North (1910-1991)
arr. P. Jennings
Unchained Melody

K. Ascher (n. 1941)
arr. P. Lavender
The Rainbow Connection

K. Badelt (n. 1967)
arr. M. Sweeney
Pirates of the Caribbean

A. Dvorák (1841-1904)
arr. J. O'Reilly
Largo e Finale

arr. **Philip Sparke** (n. 1951)
Jamaica Farewell

Vangelis (n. 1943)
arr. R. Sebrechts
Conquest of Paradise

Prática de Conjunto de Sopros 1º CBI
Mário Bezerra, direção

R. H. Prichard (1811-1887)
Advent Carol

L.v.Beethoven (1770-1827)
Hino da Alegria

F.M.Rodgers (1895-1960)
Rondo Giocoso

G.Rossini (1792-1868)
William Tell Overture

C.L.Gruselle
The Boogie –Man Blues

Prática de Conjunto de Cordas 1º CBI
Armando Gonzalez, direção

junho 2013
25,26 e 27 14h00

AUDITÓRIO FAM

Visita da ACEP Oficina de contacto

PRÁTICAS DE CONJUNTO DE
CORDAS E DE SOPROS
DO 1º ANO CBI

Classes dos Professores
Armando González
Mário Bezerra

ESCOLA PROFISSIONAL DE MÚSICA DE VIANA DO CASTELO

A Escola Profissional de Música de Viana do Castelo foi criada em 1992 e teve como entidades promotoras a Academia de Música de Viana do Castelo (conservatório regional) e a Câmara Municipal de Viana do Castelo. Desde 2002 a Fundação Átrio da Música (FAM) é a entidade proprietária da EPMVC. Nesta Escola são ministrados, do 7º ao 12º ano de escolaridade, todos os cursos de especialização instrumental que constituem a orquestra sinfónica e a sua população escolar é de 140 jovens provenientes, na sua maioria, do Distrito de Viana do Castelo, mas também de outras regiões do Norte e Centro do país.

Funcionam na EPMVC várias classes de conjunto, de sopros e de cordas, nas quais participam os alunos do Curso Básico de Instrumento. Procura-se com estas atividades que os alunos, desde cedo, se familiarizem com a execução em conjunto, treino fundamental na formação, tanto em termos de performances técnicas e artísticas como em termos de personalidade individual e social, aspetos fundamentais da educação para a cidadania.



PROGRAMA

- F. Rodgers**
Rondo Giocoso
- G. Rossini (1792-1868)**
William Tell Overture
- C. Gruselle**
The Boogie-Man Blues
- R. Frost (n. 1935)**
Mango Tango
- J. Caponegro (n. 1940)**
Sinfonia nº 2
- Anónimo**
arr. A. González
Salsa Cubana

Prática de Conjunto de Cordas 1º CBI
Armando González, *direção*

J. Roman
Suite para Orquestra
I. Allegro
III. Allegro

E. Morricone (n. 1928)
arr. F. Bemaerts
A Missão

F. Sullivan III (n. 1955)
Eye of the Tiger

arr. A. Balent (n.1930)
Dixieland Salute

arr. G. Gazzani
Santana a portrait

Henri Mancini (1924 - 1996)
Pantera Cor-de-rosa

Prática de Conjunto de Sopros 1º CBI
Mário Bezerra, *direção*

JANEIRO 2014

15 18h30

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA VIANA DO CASTELO

Audição de Classes de Conjunto do Curso Básico de Música

Coro Júnior
Isabel Silva direção

Classe de Conjunto de Guitarras, 8º e 9º anos
Tiago Machado direção

Classe de Conjunto de Cordas, 8º e 9º anos
Armando González direção

Classe de Conjunto de Sopros, 8º e 9º anos
Paulo Areias direção

ACADEMIA DE MÚSICA DE VIANA DO CASTELO

A Academia de Música de Viana do Castelo - conservatório regional do alto-minho, criada em 1977, é uma associação com autonomia pedagógica dedicada ao ensino artístico especializado da música, que ministra os Cursos de Iniciação Musical, Básico e Secundário de Música.

Considerada "pessoa coletiva de utilidade pública" tem vindo a desenvolver, paralelamente à formação, uma notória atividade de divulgação musical, com a realização sistemática de eventos de música erudita, sendo também responsável pela dinamização de projetos pioneiros, diretamente ligados à música contemporânea, nas vertentes da criação e da interpretação, e à criação de públicos infantil e juvenil. O Projeto de investigação "Alto-Minho 2000 Património Musical" representa um outro domínio da ação desta instituição, refletindo a importância dada à cultura Portuguesa e à tradição/Inovação. Ao longo da sua existência, tem recebido o apoio incondicional da Santa Casa da Misericórdia desta cidade e da Câmara Municipal de Viana do Castelo, bem como do Ministério da Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2002 recebeu o Prémio Instituição de Mérito atribuído pela Câmara Municipal. Em Julho de 2010 foi galardoada com o prestigiado Prémio Gulbenkian Educação.

Funcionam na AMVC várias classes de conjunto, nas quais participam os alunos do Curso Básico e Secundário. Procura-se com estas atividades que os alunos, desde cedo, se familiarizem com a execução em conjunto, treino fundamental na formação, tanto em termos de performances técnicas e artísticas, como em termos da personalidade individual e social, aspetos fundamentais da educação para a cidadania.

academia de música
de viana do castelo
conservatório regional do alto-minho

PROGRAMA

Anónimo
arr. J. Freycon
When the stars begin to fall

E. Poston (1905-1982)
Jesus Christ the apple tree

D. Willcocks (n.1919)
O Little town of Bethlehem

Coro Júnior
Isabel Silva direção

T. Susato (1510 - 1570)
arr. K. Scheit
Sieben Tanze

Allemande
Schafertanz
Gaillarde

O. Bensa (p.1951)
Introducion "au tango"

Classe de Conjunto de Guitarras, 8º e 9º anos
Tiago Machado direção

J.S. Bach (1685-1750)
arr.V. Leidig
Brandenburg Concerto n°1

S. M. Nelson (n. 1936)
I. The Golden bow
II. The king and the miller
III. Don Quixote rides again
IV. Roundabouts
V. A Sad song
VI. Mr. Carey romance

G. Bizet (1838-1875)
arr.V. Leidig
Carmen Suite

Classe de Conjunto de Cordas, 8º e 9º anos
Armando González, direção

J. Williams (n.1932)
Espirito Olimpico - Jogos Olimpicos de Verão, Seul 1988

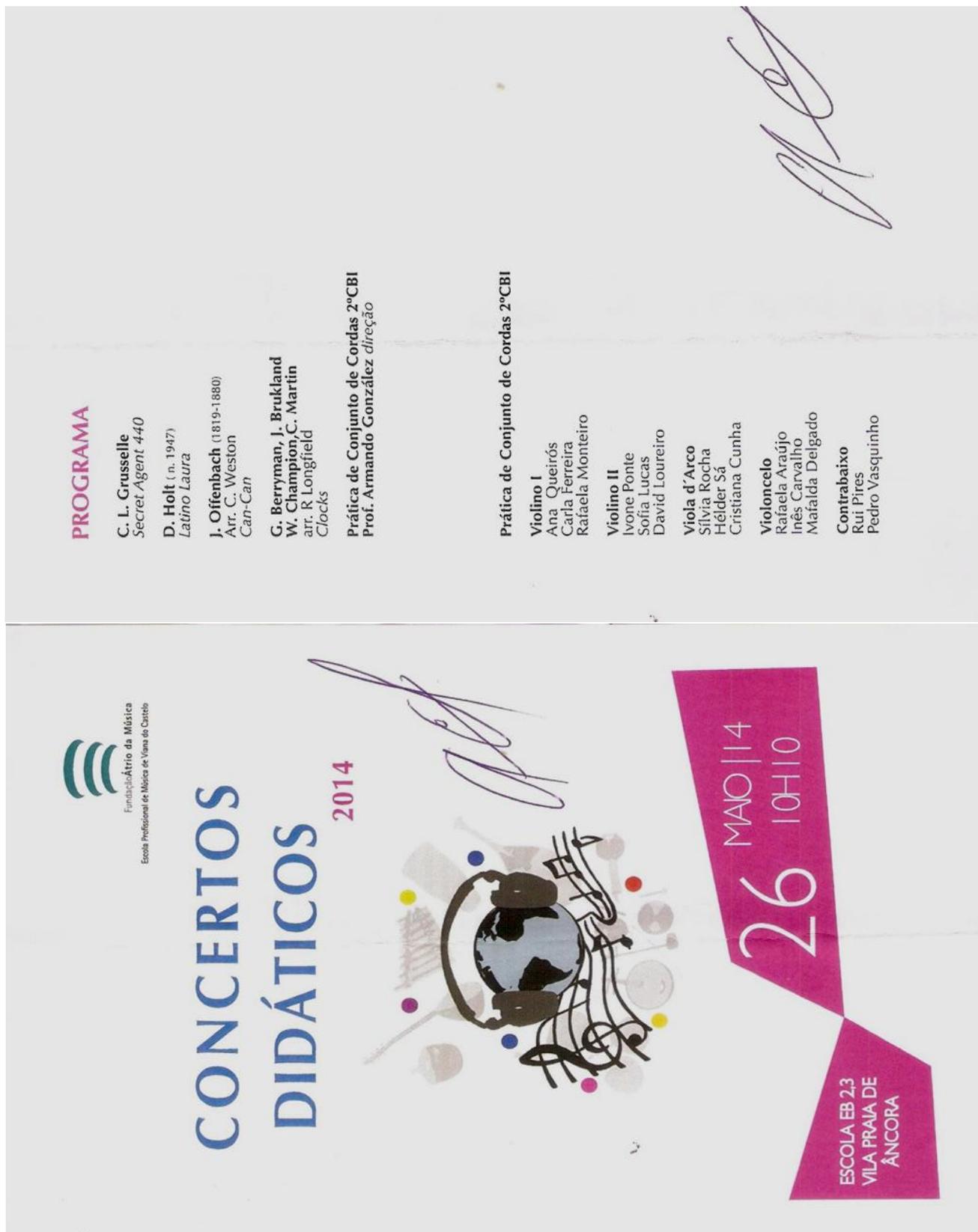
H. Zimmer (n.1957)
arr. Frank Bernaerts
Pearl Harbor

J. Hann (n.1939)
Concerto d'Amore

J. Sousa (1854 - 1932)
As Estrelas e Faixas para sempre

Classe de Conjunto de Sopros, 8º e 9º anos
Paulo Areias direção

Planista Acompanhador: Cosme Campinho



The image shows a program for didactic concerts. At the top left is the logo of the Fundação Atrio da Música, Escola Profissional de Música de Vila do Castelo. The main title is 'CONCERTOS DIDÁTICOS 2014'. Below the title is a graphic featuring a globe, musical notes, and various instruments. To the right, a pink banner displays the date '26 MAO | 14' and '10H10'. At the bottom right, another pink banner identifies the location as 'ESCOLA EB 2.3 VILA PRAIA DE ÂNCORA'. The program details are listed in the center, including the conductor's name and a list of instruments and performers. A signature is visible at the bottom right of the program.

PROGRAMA

C. L. Grusselle
Secret. Agent 440

D. Holt (n. 1947)
Latino Laura

J. Offenbach (1819-1880)
Arr. C. Weston
Can-Can

G. Berrymann, J. Brukland
W. Champion, C. Martin
arr. R. Longfield
Clocks

Prática de Conjunto de Cordas 2º CBI
Prof. Armando González *direção*

Prática de Conjunto de Cordas 2º CBI

Violino I
Ana Queirós
Carla Ferreira
Rafaela Monteiro

Violino II
Ivone Ponte
Sofia Lucas
David Loureiro

Viola d'Arco
Sílvia Rocha
Hélder Sá
Cristiana Cunha

Violoncelo
Rafaela Araújo
Inês Carvalho
Mafalda Delgado

Contrabaixo
Rui Pires
Pedro Vasquinho

ESCOLA EB 2.3
VILA PRAIA DE
ÂNCORA

26 MAO | 14
10H10

academia de música
de viana do castelo
conservatório regional do alto-minho

AUDIÇÃO DE INICIAÇÃO MUSICAL

IMC e IMD

“Descobrir o passado – Viagem no tempo”

Disciplinas de Formação Musical e Classe de
Conjunto

Professores:

Ana Marques
Armando Gonzalez
Carolina Fonte

Sexta-feira, 13 de junho de 2014
Auditório AMVC
18h45m

DEZEMBRO 2014

15 19h30

AUDITÓRIO FAM
VIANA DO CASTELO

AUDIÇÃO

**CLASSE DE CONJUNTO
DE CORDAS
DO 2º ANO CBI**

Classe do Professor
Armando González

ESCOLA PROFISSIONAL DE MÚSICA DE VIANA DO CASTELO

A Escola Profissional de Música de Viana do Castelo foi criada em 1992 e teve como entidades promotoras a Academia de Música de Viana do Castelo (conservatório regional) e a Câmara Municipal de Viana do Castelo. Desde 2002 a Fundação Átrio da Música (FAM) é a entidade proprietária da EPMVC. Nesta Escola são ministrados, do 7º ao 12º ano de escolaridade, todos os cursos de especialização instrumental que constituem a orquestra sinfónica e a sua população escolar é de 160 jovens provenientes, na sua maioria, do Distrito de Viana do Castelo, mas também de outras regiões do Norte e Centro do país.

Funcionam na EPMVC várias classes de conjunto, de sopros e de cordas, nas quais participam os alunos do Curso Básico de Instrumento. Procura-se com estas atividades que os alunos, desde cedo, se familiarizem com a execução em conjunto, treino fundamental na formação, tanto em termos de performances técnicas e artísticas como em termos de personalidade individual e social, aspetos fundamentais da educação para a cidadania.

Organização:
Fundação Átrio da Música | Escola Profissional de Música de Viana do Castelo



PROGRAMA

D. Holt (1941-2000)
Blues For Tana

L. Anderson (1908-1975)
Plunk, Plank, Plunk

H. Arlen (1905-1986)
Arr. B. Cerulli
Over The Rainbow

L. Anderson (1908-1975)
Blue Tango

J. Strauss (1825-1899)
Arr. J. Manookian
Radetzky Marcha

J. Lennon-P. McCartney
arr. R. Longfield
Yesterday

Tradicional
Arr. M. Story
Christmas Bits-Pieces

D. Gazda
Banana Boogi

Classe de Conjunto de Cordas 2º CBI
Armando González, direção

CLASSE DE CONJUNTO DE CORDAS 2º ano CBI

Violinos I
Mania João Ribeiro
Ricardo Parente
Rodrigo Sinaré
Sofia Lucas

Violinos II
Carina Freixo
Fátima Coutinho
Catarina Calçada
David Loureiro

Violas d'Arco
Marta Sousa
Sara Barbosa

Violoncelo
João Azevedo
Adriana Gonçalves
Carolina Pereira

Contrabaixo
Margarida Rocha
Mania Luísa Soares

Agradecemos a colaboração de Miguel Soares

Sem autorização não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações.
Antes do início dos concertos desligue o alarme do seu relógio e/ou telemóvel

fam.org.

